

Revista

Amar

EDIÇÃO 82 • ANO 8 • MENSAL • REVISTAMAR.COM

A portrait of António Leão Rocha, a middle-aged man with short grey hair and glasses, wearing a dark blue suit, a white shirt, and a light blue tie. He is standing in front of two flags: the European Union flag on the left and the Portuguese flag on the right.

ANTÓNIO LEÃO ROCHA

FEVEREIRO 2023



LiUNA!

Local 506

www.local506.ca

Happy Family Day!

EXECUTIVE BOARD

CARMEN PRICIPATO
BUSINESS MANAGER

TONY DO VALE
SECRETARY-TREASURER

ROLY BERNARDINI
PRESIDENT

PETER GLAZE
EXECUTIVE BOARD MEMBER

SAVERIO REPOLE
RECORDING-SECRETARY

LUIS PIMENTEL
VICE-PRESIDENT

FABRIZIO MASSARI
EXECUTIVE BOARD MEMBER

**REGIONAL
ORGANIZING CO-ORDINATOR**

ELIO TOPPAN

OFFICE MANAGER
ISABELLA COSTANZO

LEGAL COUNSEL
RYAN EHRENWORTH

DISPATCHER
HARDY JALLOH



COMPLIANCE CONTROL OFFICER
RENATO TAGLIONE

BUSINESS REPRESENTATIVES

MIKE BETTENCOURT
MAMADOU BAH
JOE INACIO
JOE FURTADO
JOHN WALKER
MILTON MEDEIROS
MARCO MELO
ROCCO CHIAVUZZO
ANTHONY DO VALE
MAURO MAGLIOCCHI

SUPPORT STAFF

PATRICIA LUM
MONIQUE SERINO
NATALIY KRASKOVSKY
MISHEL BIRFIR
NICOLE PIETRANGELO
ADRIANNA DO VALE
LILY MEDEIROS

3750 Chesswood Drive, Toronto, ON M3J 2W6

Tel: 416.638.0506 • **Fax:** 416.638.1334 • **Website:** www.local506.ca



O Executivo da CCWU
Canadian Construction Workers Union
deseja a todos os seus membros e
comunidade portuguesa um **Feliz Dia da Família**

Canadian Construction Workers Union

**Proud representative of the hard working men and women
in the Canadian Construction Industry.**

Presidente: **Joel Filipe**
Financial Secretary: **João Dias**
Vice-Presidente: **Victor Ferreira**
Recording Secretary: **Luis Torres**
Trustee: **Ana Aguiar**



1170 SHEPPARD AVENUE WEST, UNIT 42 - NORTH YORK, ONTARIO - M3K 2A3

TELEPHONE: 416-762-1010 • FAX: 416-762-1012

Ficha Técnica

Direção

Carmo Monteiro
Manuel DaCosta

Edição Gráfica

Carlos Monteiro

Marketing

Carmo Monteiro
MDC Media Group

Fotografia

Carmo Monteiro

Colaboradores

Adriana Marques
Armando Correa Siqueira Neto
Carlos Cruchinho
Inês Barbosa
Inês Carpinteiro
Madalena Balça
Manuela Marujo
Maria João Rafael
Paulo Perdiz

Participação Especial

Sara Sofia Gonçalves
Sérgio Ruivo

Agradecimentos

Jornal de Notícias
MDC Media Group
Notícias Magazine

Contacto

www.revistamar.com

info@revistamar.com

www.facebook.com/revistamar

416.806.7616

Revista
Amar®

Revista Amar é uma marca registada e empresa subsidiária dos grupos Cyber Planet Inc. e MDC Media Group.

Custo estimado por exemplar

\$8.99

Conteúdos

12 Enquanto o amor durar

Como se pode definir hoje a família? Como se estrutura ou desestrutura?

18 Avós

Adriana Marques na sua crónica mensal fala-nos sobre essas figuras pilares da família tradicional.

20 Não são todos seres humanos

Neste mês de reflexão e celebração dos contributos de personalidades negras é importante destacar aqueles que tiveram a bravura de mudar mentalidades no Canadá.

26 António Leão Rocha

Depois de passar pelas Embaixadas de Portugal na Argentina, Africa do Sul, França, Guiné-Bissau e Chile, António Leão Rocha assumiu a Embaixada de Portugal no Canadá em 2022.

44 Raízes açorianas entre o Mirim e o mar

Acompanhe Manuela Marujo em mais uma viagem pelos destinos parasidiacos do Brasil, desta feita, com uma ligação muito especial aos Açores.

58 Mistérios para fora dos limites dos próprios livros

Paulo Perdiz esteve à conversa com o autor português João Tordo. Depois de "Águas Passadas", o autor regressa com um novo mistério de matrizes bizarras com "Cem Anos de Perdão".

82 Maria Barros Abreu

Carlos Cruchinho esteve à conversa com a pintora portuguesa natural de Viseu, Portugal.

82 "Dress Code"

Maria João Rafael traz-nos conselhos úteis para o homem no Inverno no seu artigo habitual de styling e fashion.

Fevereiro 2022



página 6



página 20



página 40



página 52



página 66



página 74



página 78



página 89

Os artigos publicados na presente edição são da inteira responsabilidade dos seus autores, podendo não refletir as opiniões e posições da Revista Amar naquela matéria. A utilização do novo acordo ortográfico, na matéria da presente edição, ficou à inteira descrição dos seus autores. Os conteúdos publicitários publicados na presente edição são da inteira responsabilidade, com autorização e aprovação prévia dos seus autores.



MAGELLAN
COMMUNITY FOUNDATION

ESTÁ NA HORA DE RETRIBUIR

Ao fazer uma doação para o Magellan Community Foundation, está a ajudar a financiar a primeira casa de repouso de cuidados continuados para a comunidade de língua portuguesa no Ontário e ainda ajuda a construir habitações a preços acessíveis e um centro comunitário.

Ajude a proporcionar aos idosos que falam português os cuidados que merecem

MAGELLANCOMMUNITYFOUNDATION.COM



Patrocinado por

Revista
Amar[®]







Casa das Beiras **homenageou Almeida Henriques**

A Casa das Beiras celebrou o seu 23º aniversário no passado sábado, dia 21 de janeiro, no salão do Centro Cultural Português de Mississauga.

Bernardino Nascimento explicou que uma vez que a nova sede desta associação não está ainda pronta, foi necessário arranjar uma alternativa e o PCCM tem “uma sala com todas as condições e com o espaço necessário”. Foram mais de 600 pessoas que estiveram presentes, não só para celebrar mais um aniversário ao fim de três anos, (o último celebrado aconteceu em 2020), mas também para assistir à homenagem que a Casa das Beiras decidiu prestar ao antigo Presidente da Câmara Municipal de Viseu, Dr. Almeida Henriques, falecido em 2021, com Covid-19.

A viúva esteve presente, como convidada especial e Bernardino Nascimento explicou que se trata “de uma Senhora que nos merece muito respeito e nós partilhamos a sua dor, da perda do seu marido. O Dr. Almeida Henriques foi uma pessoa muito importante para a nossa comunidade. Por todo o carinho e reconhecimento que sempre demonstrou ter pela Casa das Beiras, nós achámos por bem fazer-lhe esta homenagem. Quando demos a conhecer à sua esposa, Dra. Cristina Henriques, que iríamos fazer esta homenagem ela aprontou-se logo para estar presente. Vai ser uma noite de emoção”.

Efetivamente, foi uma noite bem emotiva, mas também bem animada com a presença e atuação do conhecido cantor português Toy e ainda da Karma Band.

A festa contou também com a presença do ex-secretário de Estado da Comunidades Portuguesas, Dr. José Cesário, que como é sabido, é também um homem das Beiras..

Madalena Balça



FOTOGRAFIA © CARMO MONTEIRO





O PÁTIO
Churrasqueira

416.792.7313
2255 Keele St.
North York

PRATOS VARIADOS
COZINHA TRADICIONAL
PORTUGUESA

Produtos Frescos
Aberto 7 dias/semana
• Catering • Take-Out
• Bar & Salão de Jantar
• Pátio exterior fechado & aquecido

**O BOM SABOR DA COMIDA
TRADICIONAL PORTUGUESA**

**FELIZ
DIA DA FAMÍLIA**

Os momentos em família
são memórias que guardamos para sempre
Vá colecionar memórias



**A equipa do Viana Roofing & Sheetmetal
deseja-lhe um feliz dia da família**



ROOFING SOLUTIONS YOU CAN TRUST

416.763.2664 | info@vianarroofing.com | vianarroofing.com



LOURO & SONS JEWELLERS ~ METAL ARTISTS SINCE 1551 ~



What's the colour of your love?

Coloured Diamond Rings Designed & Created by Louis Louro Jr.

"Bring us your imagination..."

Tel: (416) 546-1744 • Fax: (416) 546-0319

Email: kyle@louroandsonsjewellers.ca

104 Avenue Road (Yorkville), Toronto, ON M5R 2H3

www.louroandsonsjewellers.ca

Enquanto o amor durar...



Como se pode definir hoje a família? Como se estrutura ou desestrutura? Maria João Valente Rosa, socióloga e professora na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, dá-nos algumas pistas para entendermos como devemos olhar hoje para este conceito (família) muito abstrato, plural e muito diverso, que não se pode encaixar num padrão único. Para Maria João Valente Rosa o pilar das famílias de hoje é a afetividade. É esse o elo que as mantém unidas... ou não.



Créditos: Direitos Reservados

A família

Como socióloga gostaria de começar por lhe perguntar: o que é hoje a família? Como se estrutura e que valor tem para a sociedade?

Bem, tudo depende dos “óculos” de cada um. As culturas são muito diferentes e por isso não podemos falar de uma sociedade como um todo, em que todos pensam da mesma maneira e que se comportam da mesma maneira. Mas eu vou tentar falar um bocadinho naquilo que tem a ver um pouco com esta sociedade do mundo mais ocidental, se quiser. E relativamente à família, também é preciso dizer, que é um conceito relativamente abstrato. E eu começo por dizer, que eu vou falar essencialmente da chamada família nuclear. Porque há vários tipos de família. Quando me perguntam o que é hoje a família, eu diria que hoje entendo a família como, acima de tudo, uma junção de indivíduos adultos que coabitam unidos por laços afetivos. E isto é muito importante. Claro que no caso de existirem crianças, os adultos também são responsáveis pelo seu cuidado. Portanto, as famílias hoje estão sustentadas ou alicerçadas na afetividade. Quando falamos em termos concretos sobre famílias, entendendo-as hoje como uma junção ou uma estrutura que não é perene, ou seja, não há garantia que dure para sempre. Portanto, hoje a família não é perene, a sua composição é plural e muito diversa. Daí que falar de família no singular faça cada vez menos sentido. E faz cada vez mais sentido falarmos de famílias no plural, porque elas assumem formas muito diversas que se vão de algum modo desenhando ao longo da vida dos indivíduos. Temos famílias constituídas por adultos que podem ser hoje de sexo diferente ou do mesmo sexo, casados ou não casados, com ou sem filhos comuns. Os tais meus, teus e nossos que já contam ou não com uma história de relacionamento anterior. As chamadas famílias recompostas ou reconstituídas de adultos, às vezes que até integram duas ou mais famílias, são as chamadas famílias múltiplas, ou podemos ainda falar também de um outro tipo de família, que são as famílias monoparentais, que são constituídas por um dos progenitores que coabita com um dos seus descendentes. Estes são apenas alguns exemplos.

Podemos concluir que a principal diferença que pode ser apontada entre as famílias de hoje e as de há 30/40 anos tem a ver, exatamente, com essa multiplicidade de núcleos familiares que podem ser hoje encontrados e que, noutros tempos, o conceito de família era muito mais fechado num só modelo ou em modelos muito parecidos uns com os outros?

Acho que o que se pode concluir daqui é que, por um lado, hoje a individualidade e a afetividade/amor e ganham um papel crucial no entendimento das famílias e que, no passado, era a organização, uma instituição. E esta instituição tinha mais força do que a afetividade e a individualidade. Ou seja: o casamento era essencial; a família tinha a missão de ter filhos, portanto, a reprodução e a procriação. Estamos a falar de um passado, mas atenção porque muitas vezes simplificamos demasiado o passado. Quando olhamos para trás, para as tais famílias, (que ainda continuam a existir, claro), o que vemos é que há aqui



Créditos: Direitos Reservados



uma mudança. Uma mudança de um padrão rígido de família, para uma realidade onde não há um guião único para uma família nascer. Portanto, há muitas formas, há muitos guiões para se ter uma família. Não há aqui uma regra, não é? E a regra é cada vez mais a exceção. Portanto, eu diria que a família não está em crise. As famílias hoje acabam por estar muito baseadas na afetividade. Acaba por constituir, no fundo, um lugar de segurança, de bem-estar, de realização pessoal e também emocional. Enquanto o amor durar.

Então é isso também que faz com que mais facilmente, ou se calhar, de uma forma mais natural, a família acabe por se desestruturar quando a afetividade ou o amor deixam de existir?

Eu diria que o divórcio também pode dar origem a que novas famílias surjam e por isso, eu sei que isto é um bocadinho complicado de se dizer, mas a falta de bem-estar pode estar na origem de alguma vitalidade. Ou seja, o divórcio não está a arruinar as famílias. O divórcio pode estar a pôr em causa uma família que nós temos na cabeça, que é uma família que se estruturava através de um casamento que tinha uma finalidade, que era a finalidade de reprodução, onde o pai tinha um papel, a mãe tinha um outro papel, a mãe mulher. E, portanto, a afetividade aqui não era o elemento-chave, era um elemento, um outro. Não era acessório, mas era um elemento que não era o crucial para que as pessoas se mantivessem unidas. Havia interesses vários, inclusivamente interesses financeiros. Portanto, a família era uma combinação de interesses, organizada, em que a parte afetiva e a parte emocional contavam muito pouco. O indivíduo em si era menos importante que a estrutura que o englobava. Atualmente o que se assiste é ao contrário, ou seja, estamos perante famílias em que o indivíduo assume uma importância muito importante, muito grande. E a afetividade é o elemento-chave. Deixa de existir a afetividade, o amor ou o que se quiser chamar e as pessoas saem daquele lugar e tentam ser o mais felizes possível, do ponto de vista individual. Portanto, a família é um projeto de felicidade, que não as barreiras sociais que tinha. E não está sedimentada em instituições tão fortes quanto o era, por exemplo, o casamento.

Eu hoje, ao nascer, posso ter múltiplas famílias dentro deste conceito, enquanto que no passado era muito mais difícil ter múltiplas famílias dentro do tal guião quase único que nós tínhamos nas nossas cabeças. O que não significa, mais uma vez, que fosse esse o único guião que existia, mas era o guião-padrão, não é? E quando alguém não seguia este guião era visto como bocadinho estranho. Hoje em dia os guiões são vários.

Nessa linha de pensamento de vários guiões, vários modelos, várias famílias, é assim que as famílias mistas, de etnias diferentes, de religiões diferentes, surgem também com alguma naturalidade, mesmo nas comunidades ainda um tanto conservadoras? Há uma evolução na mentalidade?

Estas famílias estão a acompanhar a mudança dos tempos. Hoje tudo é muito diferente do que era, não existe o tal padrão único, existem múltiplos. É claro que as famílias têm um valor, que é a segurança, o tal lugar de bem-estar, se quiser, e mesmo de realização pessoal. Mas também a família tem um outro papel que tem a ver com as crianças, no caso de elas existirem. Para as crianças, a família continua a ter um valor importante por ser a primeira instituição responsável pela socialização de cada um de nós. E é aí que se inicia a relação com os outros. Mas é na escola que a criança começa a desenvolver os seus valores, os seus hábitos, formas de viver em sociedade, etc. Portanto, a família, seja de que tipo for, também tem esse papel, mas a escola é a primeira instância de socialização.

Eu diria que não é pouco frequente que a família cultive no seu íntimo, aquele espaço que é um espaço privado, um carácter relativamente conservador, no sentido em que leva os seus membros (crianças) a reproduzirem um bocadinho os hábitos e as formas de pensar. Portanto, acaba por ser um núcleo que vai contribuir para a propagação de valores, de crenças, de marcas culturais, seja o que for. E, muitas vezes, esse papel não acompanha as mudanças rápidas que estão a acontecer na sociedade. Vivemos numa era de mudanças muito aceleradas, e acontece que, muitas vezes, a diferença relativamente ao padrão (por exemplo, da questão cultural quando falamos de etnias, religiões diferentes, etc.) é entendida como uma ameaça. Tudo o que é diferente, ou seja, tudo o que não reproduz aquilo que nós achamos que são as regras essenciais para se ser feliz.

Mas então há ainda um caminho a fazer?

Sim, e é um caminho que tem que ser trilhado através da escola. Ou seja, não é na família que nós vamos esperar grandes mudanças. A escola é, na minha perspetiva, a instituição essencial, chave, se quiser, para abrir os horizontes em vez de os fechar, neste processo de abertura ao outro, em que a diversidade vai aumentando.

A família e os exemplos das figuras públicas

Temos assistido nos últimos tempos à revelação de pormenores da vida mais oculta da família real britânica, nomeadamente com a publicação do livro de Harry, mas também outras famílias de figuras públicas (Shakira e Piqué, por exemplo) têm publicamente mostrado as suas fragilidades, revelando os inúmeros problemas que, durante anos, se mantiveram encobertos. Sendo certo que este tipo de situações não são novas, a dimensão mediática que as caracterizam, fazem-nos perguntar – até que ponto estes exemplos podem influenciar a sociedade de um modo mais global? Serão encarados como mais um motivo de diversão para quem aprecia saber da vida alheia ou podem ter um efeito mais pernicioso e mudar a forma como a família é olhada?

Os podres em termos familiares sempre existiram em todas as eras, não é? Por outro lado, não se trata de um problema do “mensageiro” (não podemos matar o “mensageiro”, não é?), mas antes da abrangência que os mensageiros hoje têm, que não tinham no passado. Mas a exposição pública do nosso privado, diria eu, é que é relevante. Ou seja, cada um de nós, até por aquilo que colocamos nas redes sociais sobre nós próprios, expomos publicamente o nosso privado. No caso antes desta história da família britânica o que achei interessante foi perceber que estas famílias, mesmo estas tão tradicionais, que também elas não congelaram no tempo, ou seja, não foram imunes à mudança dos tempos e também já não estão a ser imunes a afetividade e a emoção. Portanto, pensamos assim: afinal, não há aqui nada que esteja neste momento congelado ou em cápsula, não é? Portanto, é uma abertura dos tempos desta cápsula. Se quiser, partiu. Para mim, o interessante da história é perceber que já nem aquilo que nós achávamos que estava encapsulado resiste à mudança. A cápsula que é casamento para a vida, em seguida, ter filhos, enquanto a morte não nos separa. Isso já não faz sentido. Os dias correm e nós temos que pensar que a mudança acontece.

A família, a mulher e o caso de Jacinta Arden

Ainda olhando para as notícias da atualidade, recentemente a primeira-ministra neozelandesa demitiu-se e entre outros argumentos (como falta de energia e cansaço) disse que precisava de dedicar mais tempo à família. Podemos ver neste caso algum sinal de fraqueza da Mulher e um certo retrocesso na luta das mulheres pela igualdade de oportunidades relativamente aos homens? Pode Jacinta Arden, com a sua decisão, estar a dar argumentos a quem defende que a mulher não pode assumir determinadas posições porque a sua função de mãe (como pilar da família) a torna mais suscetível e frágil?

Eu não consigo ir tão longe. Bem, para já, nós sabemos que estamos muito longe de uma sociedade igualitária entre homens e mulheres, mas as mulheres têm entrado com muita força no espaço público, embora muitas vezes saem sem o devido retorno, mas têm entrado com muita força no Estado, no espaço público. Os homens não entraram com a mesma intensidade no espaço doméstico. Isto começa a ser uma questão

importante, que é a questão da conciliação de tempos, para o caso das mulheres/mães. Às vezes não é não é dito, mas às mulheres/mães cabe-lhes a maior responsabilidade pelos filhos, valor que não é só alimentado pelos homens. Não são só os homens, são os homens e as mulheres. Aliás, um inquérito realizado em Portugal dá conta mesmo disso - as mulheres acabam por sentir uma enorme responsabilidade sobre elas em relação aos filhos que têm e por isso, quando também têm projetos profissionais importantíssimos, há uma culpabilidade que recai sobre elas “se calhar não estou a ser boa mãe”. E abraçar os dois projetos - profissional e familiar - é extremamente difícil em termos de uma equação. Temos, de um lado da equação o ser bom profissional. Temos o outro lado da equação ser boa mãe e ser boa mulher dentro do espaço doméstico. Portanto, há nalguns casos, a evolução não se fez de maneira a que os papéis estivessem tão ou de algum modo equilibrados. Ou seja, as mulheres são hoje, são diferentes do que eram no passado, mas no espaço doméstico, como mães, continuam a ser vistas muito como eram no passado e por isso não houve aqui uma evolução desse ponto de vista.

Agora vamos ao caso concreto... reconhecer que tal acontece e que é difícil essa conciliação entre dois projetos familiar e profissional, pode, na minha perspetiva, constituir um alerta público extremamente importante, que até pode ajudar a causa igualitária. Ou seja, eu acho que negar ou fingir que o problema não existe, é a pior forma para se chegar a uma solução. Portanto, isto até pode motivar algum desconforto. Também há um outro aspeto que eu acho importante é o facto de uma pessoa reconhecer que não tem mais energia. Para mim não é um sinal de fraqueza, é um sinal de força, de força no sentido da responsabilidade que ela tem para exercer determinado tipo de funções públicas. É este facto de reconhecer que não tem mais energia para continuar é algo que enaltece a pessoa, não a menori-za. Só é pena. É isto a enaltece enquanto ser humano dedicada à causa pública. Só é pena que, no caso dos homens, tal não aconteça do mesmo modo - quando sentem que não estão à altura e são tantos que nós sabemos, independentemente das questões familiares, pelas questões de competência e capacidade, sabemos que há muitos que estão ali, mas que não deviam estar e não saem. Porque um homem também, mais uma vez, é ensinado a não sair perante algo que é adverso.

A família e a sua condição social

Nas famílias de mais baixa condição social (pobres e sem grande formação) parece haver quase que um destino marcado... e muito dificilmente os filhos e até netos conseguem romper com essa aparente inevitabilidade de viverem com as mesmas dificuldades que os seus antecessores. Por que razão isto acontece e o que deveria ser feito para contrariar esta tendência?

A OCDE em 2018 fez um relatório chamado A Broken Social Elevator How to Promote Social Mobility e é interessante perceber quando olhamos para a mobilidade social e intergeracional que parte inferior dos pisos, o chão, é muito pegajoso, ou seja, a pessoa fica muito agarrada àquele ambiente onde nasceu, impedindo-a de subir. Mas na parte do teto também, na parte dos tetos lá em cima, também. Eles são muito pegajosos, dificultando que aqueles que se encontram lá em cima caiam para níveis muito baixos. Portanto, temos um elevador de mobilidade social que está muito, muito estagado. em termos de de e voltamos a onde voltamos.

Mais uma vez a resposta é a escola. Ou seja, a escola tem que ter aqui um papel essencial. E não é à família que se tem de pedir isto. A escola tem que ter um papel essencial como corretor das desigualdades sociais. Ter a sorte ou o azar de nascer num berço ou noutra, isto condiciona imenso o seu futuro ou também nascer aqui numa região da Europa ou da América do Norte ou na China, uma região da África subsariana. Isso condiciona muito para a vida. Claro que existem exceções, mas não são as exceções que neste caso vêm. É a escola, na minha ótica, o nivelador. De outra maneira nós não conseguimos sair deste círculo vicioso que se autoalimenta. Eu lembro-me de uma frase muito bonita

de um jornalista americano que nasceu no início do século, chamado Sidney J. Harris, que diz o seguinte: "O grande objetivo da educação é transformar os espelhos em janelas". Isto que é um bocadinho o leitmotiv de toda a história que eu quis contar.

A educação é a peça-chave e a família, muitas vezes, é um espelho e não é uma janela.

O que se quer é que as janelas sejam abertas...

Exatamente e que não continuemos a funcionar em espelhos, como funcionávamos no passado.

Madalena Balça
MDC Media Group



FELIZ DIA DA FAMÍLIA

**A SUA FIRMA NA COMUNIDADE
PROFISSIONALISMO A PREÇOS COMPETITIVOS**

Cada situação é única. Estou disponível para discutir o seu assunto consigo. Ligue grátis e sem compromisso.
Falamos português

**Real Estate
Relação de bens & Testamentos
Certificações
Notário**

**Krystle
Ferreira**

Lawyer | Advogada

647-417-6682

1158 St. Clair Ave West - Toronto, ON M6E 1B3
Segunda a Sexta das 9:30AM às 5:30PM

AVIÓ S



Amor em dobro!

Os dias passam, os problemas vêm e vão, os factos se sobrepõem, trabalho para fazer, filhos para cuidar, curso para terminar, enfim, muita coisa para resolver ao mesmo tempo. E lá estão eles, geralmente numa vida pacata, com os ombros cansados depois de anos nessa mesma vida frenética que estamos tendo agora, torcendo por nós e revivendo lembranças.

Diante do exposto, aqui vai um alerta aos que me lêem: precisamos prestar homenagens enquanto eles estão conosco e voltarmos nosso olhar com mais carinho e atenção para aqueles que representam “amor em dobro”! E escrever, relembrando essas pessoas que estão tão longe de mim, me emociona, porque de alguma forma, sinto-me como se estivesse com eles, de novo.

Revisito momentos, lugares, infância, cheiros, aprendizados, texturas... é muito bom!

Meus avós cuidaram muito de mim, porque meus pais trabalhavam muito e às vezes, tinham que me deixar com eles, ou na época em que minha irmã mais velha, teve que fazer uma cirurgia de alto risco no coração e meus pais tiveram que contar com a ajuda dos avós nessa empreitada. Por isso, passei uma temporada com essas pessoas queridas.

E foi um período muito importante, porque eles fizeram de tudo para suprir a falta dos meus pais. Eu era muito pequena e apegada a minha mãe; filha caçula... imagina a dor que foi para ambas, essa separação?

Mas a vida tem dessas coisas e se não fossem meus avós amorosos, acho que seria um grande trauma para mim e eles conseguiram transformar essa situação difícil, em um grande reduto de amor com toda a simplicidade do mundo, isso porque, meus avós são pessoas humildes, simples e sem nenhum luxo, mas eles tinham uma riqueza imensa no olhar, nos seus ensinamentos, nas poesias que meu avô fazia e recitava para mim, na banana amassada com açúcar que minha avó preparava para fazer um docinho, com o intuito de me deixar feliz, na liberdade de me deixar brincar, inclusive, com o véu delicado que minha avó colocava na cabeça para rezar. Enfim, tantas coisas boas que eu tenho, aqui, guardadas no meu porta-jóias da alma, para recordar com alegria.

Relembrar tudo isso, me deu a oportunidade de trazer eles comigo, de novo. Essa vida corrida, essa busca incessante pelos nossos objetivos, nos afastam dessas pessoas que construíram parte de quem somos e fazer essa reflexão sobre a própria trajetória, nos dão a certeza de que os nossos avós merecem mais a nossa presença, respeito e amor em todos os dias da nossa existência.

Dedico esse texto à minha vizinha Nica, que nos deixou há poucos dias. Deixou saudade, deixou caráter, deixou um lindo legado, mas principalmente, deixou amor, um dos mais puros que já conheci.

Adriana Marques

MDC Media Group







NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE,

NÃO SÃO TODOS SERES HUMANOS

Crescesse a aprender que se é diferente da maioria, que se tem acesso a menos oportunidades e que se deve pensar pequeno. Crescesse com poucos exemplos de sucesso, muitos porque o crescimento foi acompanhado pela falta de amor-próprio e pelas limitações que os outros impunham, e muitos outros porque mesmo indo à luta lhes cortavam as pernas. Crescesse a aprender a baixar a cabeça e a ouvir não. Crescesse a aprender que perante situações, não importam os factos, importa a cor. Crescesse a aprender que nem todas as dores vão ser saradas e que nem todas as vozes conseguem ser ouvidas. Crescesse a entender que na história da humanidade, há várias raças de seres humanos: os que diminuem os outros para benefício próprio; os que não concordam, mas se acobardam; os que lutam e não se escondem; e os explorados.

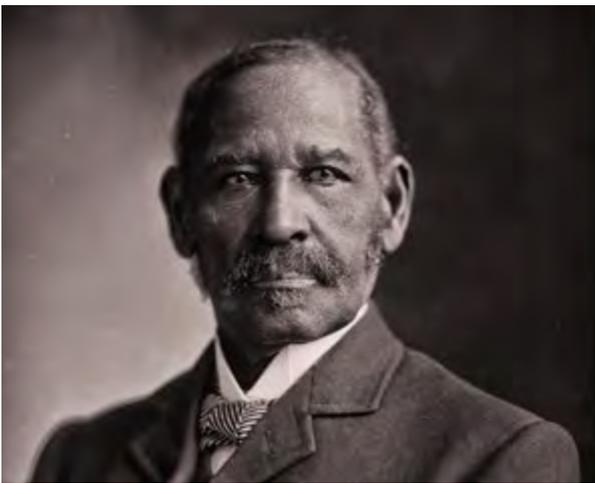
Fica incutido na sociedade que o negro se associa ao mal e à criminalidade. Que cabelos bonitos são os lisos. Que a cor da pele é prova de valor. E surgem expressões como "E eu sou preto?", vindo de um tempo em que se considerava que ser negro, era ser menos. Felizmente, há quem lute contra o racismo imposto, ainda há quem se levante no meio da multidão para se fazer ouvir. Tal como Rosa Parks que em 1955 se negou a ceder o seu assento a um branco. No Alabama, por lei, as primeiras filas eram destinadas a passageiros brancos. O seu protesto silencioso alastrou-se rapidamente e conduziu a vários protestos contra a discriminação racial. Desde os dias de servidão, à separação racial e à abolição da escravatura, já se percorreu um grande caminho, mesmo que ainda não se tenha chegado ao destino final – uma sociedade justa. O racismo mata. Mata aqueles que sofrem com ele. E mata a moralidade da coletividade. Neste mês de reflexão e celebração dos contributos de personalidades negras é importante destacar aqueles que tiveram a bravura de mudar mentalidades no Canadá.



Mary Ann Shadd Cary (1823 - 1893) foi uma ativista, educadora, editora e jornalista. Foi a primeira mulher negra a publicar um jornal no Norte da América - The Provincial Freeman. Enquanto educadora, estabeleceu uma escola racialmente integrada para crianças negras em Windsor. E como ativista, focou-se nos direitos dos negros e das mulheres.



Lucie e Thornton Blackburn (1812-1890) depois de escaparem da escravidão em Kentucky, foram caçados e recapturados, mas conseguiram escapar mais uma vez, desta vez para o Canadá. A recusa do tribunal de proceder à extradição, levou o Canadá a ter uma reputação de refúgio seguro para negros ex-escravizados.



Mifflin Wistar Gibbs (1823-1915) era um empresário, político e líder comunitário que se mudou de São Francisco para British Columbia devido às injustiças raciais. Já em BC, foi eleito para o Conselho da cidade e utilizou ao seu poder discursivo para encorajar a integração racial.



Lincoln Alexander (1922-2012) era veterano da Força Aérea, advogado e político. Foi o primeiro membro negro do Parlamento e o primeiro-ministro federal negro. Em 1985, foi nomeado vice-governador do Canadá, tornando-se a primeira minoria visível a ocupar esse cargo.



Violet King (1929-1982) tornou-se a primeira mulher negra a ser advogada no Canadá. A falta de advogados que se parecessem consigo, não a impediu de realizar o seu sonho.



Michaëlle Jean (1957-) é uma jornalista e cineasta com descendência haitiana que se tornou na primeira Governadora Geral negra no Canadá. Como representante da Rainha no país, defendeu as comunidades marginalizadas. Quando terminou o seu mandato, o Haiti experienciou um terremoto devastador e Jean serviu como enviada especial da UNESCO para apoiar os esforços de recuperação do país.



Jean Augustine (1937-) quando se tornou Secretária de Estado para o multiculturalismo, tornou-se a primeira mulher negra a ser nomeada para o Gabinete Federal no Canadá. Defendeu ainda o reconhecimento federal do mês de fevereiro como o Mês da História Negra.

São vários os nomes que passam despercebidos, mas que foram pioneiros, que são fonte de inspiração e que ajudaram a construir uma sociedade melhor. E fevereiro é mês de os lembrar.

Inês Carpinteiro
MDC Media Group





PEDRO ABRUNHOSA
PORTUGAL

PLUTONIO
PORTUGAL

DULCE PONTES
PORTUGAL

2023

INTERNATIONAL
PORTUGUESE MUSIC
AWARDS

SATURDAY

MAY 20 | 7PM

PROVIDENCE PERFORMING ARTS CENTER

IPMAAWARDS.COM/TICKETS
401.421.2787

TOY
PORTUGAL

DIOGO PIÇARRA
PORTUGAL

CO-HOSTED BY
DANIELA RUAH

CO-HOSTED BY
RICARDO FARIAS

MARISA LIZ
PORTUGAL

ERATOXICA
USA

RUBY ANDERSON
CANADA

#2023IPMA

Get your tickets today at IPMAAWARDS.COM/TICKETS

#2023IPMA

TICKETS ON SALE AT TICKETMASTER



UNIVERSAL EVENTSPACE
MAY 13, 2023

70ANOSCANADA.CA
f @ @70ANOSCANADA.CA

ALL PROCEEDS FROM THIS EVENT GO TO



A HOME FOR PORTUGUESE-SPEAKING SENIORS

LEAD PARTNER



SUPPORTING PARTNER



1953-2023
HONOURING
PORTUGUESE
PIONEERS



ANTÓNIO LEÃO ROCHA

António Leão Rocha, nasceu em 4 de março de 1959, em Lisboa e é casado com Maria Luísa Leão Rocha. Com raízes no Norte de Portugal, passou parte dos verões da adolescência em Caminha. Frequentou o 1º ano do curso de Direito na Universidade Católica Portuguesa, mas o gosto pela História falou mais alto e licenciou-se em História pela Universidade Clássica de Lisboa com a intenção de ser professor universitário-investigador.

A seguir ao serviço militar, António Leão Rocha concorre ao Ministério dos Negócios Estrangeiros e inicia a sua carreira diplomática em dezembro de 1987.

Depois de passar pelas Embaixadas de Portugal na Argentina, África do Sul, França, Guiné-Bissau e Chile, António Leão Rocha assumiu a Embaixada de Portugal no Canadá no dia 8 de abril de 2022.

A carreira do Embaixador António Leão Rocha tem como base um grande sentido de serviço público. A sua carreira diplomática tem sido reconhecida ao longo dos anos, tendo sido agraciado com: Grã-Cruz da Ordem do Mérito da República Portuguesa; Oficial da Ordem do Mérito, República Federal da Alemanha; Oficial da Ordem do Cruzeiro do Sul, do Brasil; Cavaleiro da Ordem da Legião de Honra, da França; Cavaleiro da Ordem da Rosa Branca, da Finlândia, Cavaleiro da Ordem de Orange Nassau, da Holanda; Cavaleiro da Ordem da Estrela Polar, da Suécia; Cavaleiro da Ordem de Ouïssam Alauíta, de Marrocos; Cavaleiro da Ordem do Mérito, Equador e Grã-Cruz da Ordem do Mérito chilena.



Créditos @ Direitos Reservados



António Leão Rocha e esposa, Maria Luísa Leão Rocha em Otava
Créditos @ Direitos Reservados



António Leão Rochat e Governadora Geral do Canadá, Mary Simon
Créditos @ Direitos Reservados

Gostava de pedir ao Senhor Embaixador para nos contar um pouquinho de si. Sei que é de Lisboa... que nasceu em Lisboa. A sua vida foi vivida toda lá ou também viveu por outras regiões de Portugal.

Sim, nasci em Lisboa, de facto. Apesar de as origens da minha família serem do Norte, mais concretamente de Caminha. Os meus avós paternos são de Caminha e os meus avós maternos são de Seixas, uma vila ao lado de Caminha, portanto, as minhas raízes são daí e uma parte da minha vida foi também passada aí, em agosto, durante as férias, com toda a família. Além do mais, umas vezes por recreio e outras por razões profissionais, percorri um pouco, quase todo o país. Verdadeiramente só não conheço, entre cidades capitais de distrito, Bragança e, a Região Autónoma da Madeira. De resto, conheço tudo.

E que recordações é que lhe ficaram da sua infância? Ainda se recorda das diferenças que havia entre Caminha e Lisboa?

Talvez duas ou três coisas. Hoje, se calhar, essas diferenças já não são tão perceptíveis, digamos assim, à primeira vista, pelo menos. Mas a forma de viver era muito diferente na altura, não é? Sobretudo até aos meus 15 anos... ainda antes do 25 de Abril. Havia alguma diferença do tipo de vida e também das amizades. Por exemplo, como eram férias, no mês de agosto, havia grupos do Porto, etc. Não havia tantas de Lisboa. Mas havia um pequeno grupo de Lisboa que se misturava com o grupo do Porto e com as pessoas de Caminha. Era, digamos, sem fazer juízos de valor, um ambiente talvez um pouco mais são do que a vida em Lisboa. Enfim, em Caminha a vida era muito mais feita com todos do que por afinidades particulares.

Podemos considerar o Senhor Embaixador um imigrante dado o seu percurso diplomático. Que saudades é que tem de viver em Portugal.

Pois, é verdade. Realmente, apesar de os diplomatas viverem uma condição de imigrante um pouquinho especial porque nunca estão no mesmo sítio, por muito tempo, não?

Mas, a verdade é que agora que me diz isso, fiquei aqui a pensar e, de facto, metade da minha vida já foi passada no estrangeiro ou quase metade, porque eu saí a primeira vez para o estrangeiro com 27 ou 28 anos, já não me lembro muito bem e, portanto, isso significa que metade da minha vida, 30 anos da minha vida, são já passados no estrangeiro. De certa forma, atualmente, tanto eu como a minha mulher, quando vamos a Portugal, às vezes sentimo-nos realmente como emigrantes (risos), que vão para Portugal e veem Portugal um bocadinho como um 'mundo estranho' que "abandonámos" há muito tempo. E ao reencontrarmos os amigos e a família, com quem convivemos mais de perto, sempre que vamos a Portugal, que continuaram a levar as suas vidas conjuntas há como uma sensação de termos ficado à parte, porque isto do telefone, mesmo hoje com o WhatsApp e com as videochamadas, não é a mesma coisa, não é?

Não é a mesma coisa que estar e acompanhar o dia a dia. Por exemplo, uma das coisas que mais me impressiona sempre que vou a Portugal e que noto - talvez não notasse se continuasse a viver lá - é o desenvolvimento do país, o desenvolvimento integrado do país. Outra, sobretudo quando eu ainda lá vivia e saí pela primeira vez... Portugal já era um país turismo, mas era um turismo ainda muito situado nos períodos de férias, sobretudo de verão e agora não. Agora é um país de turismo todo o ano. Nem sequer a pandemia - dos anos mais difíceis - alterou essa tendência. E, de facto isso é o que mais

imediatamente nos apercebemos em Portugal. Depois, também, Portugal tornou-se um país europeu. Quando eu deixei Portugal estávamos a fazer essa transição. Já éramos parte da então Comunidade Económica Europeia, mas estávamos a fazer essa transição; agora estar em Portugal ou viajar para outro país europeu, em muitas coisas, é reconhecível. Evidentemente que temos a nossa diversidade, as nossas idiossincrasias, mas mesmo assim há algo comum que faz de nós um país tão europeu, como qualquer outro.

E como é que "mata" as saudades de Portugal?

De muitas formas. Olhe, aqui, por exemplo, no Canadá é muito mais fácil! Talvez não tanto em Otava, mas sempre que viajo a Toronto e Montreal - até agora ainda só fui a Toronto e Montreal, além do Otava. De facto, sempre que estamos com a comunidade e sobretudo nos bairros mais portugueses de ambas as cidades, é como se tivéssemos em Portugal e, portanto, é a primeira forma de matar a saudade, no estrangeiro. Essas saudades atenuam-se precisamente ao estar junto da comunidade e ir aos restaurantes portugueses no Canadá. Mesmo em Otava, onde a presença portuguesa não é assim tão imediata e tão forte como noutras cidades, é marcante na mesma, porque os próprios canadianos que não tenham nada a ver com Portugal, mencionam sempre a comunidade portuguesa, mencionam sempre a influência e a presença portuguesa no Canadá. Num país como o Canadá é mais fácil matar saudades por muitas vias, não é?

Pela música também... falei na gastronomia e no contacto pessoal, mas há a música e muitas outras manifestações culturais. Em países onde, às vezes, não há essa presença tão forte, é mais difícil, mas há sempre alguma referência. Eu gosto onde quer que esteja e onde estive até agora, no mínimo, de acompanhar os noticiários do horário nobre da noite, em Portugal - das televisões portuguesas, seja pela internet, seja como for, seja até porque temos acesso a alguns canais - procuro fazer isso que é também outra forma de matar saudades e, ao mesmo tempo, de estar atualizado, porque nem toda a informação nos chega pelas vias mais oficiais. Também é importante acompanhar os debates, etc. e isso faz-se através da imprensa, porque de outras formas o acesso não é tão óbvio. Eu confesso que não gosto muito de ler jornais online, pela internet e prefiro nesse caso acompanhar via transmissões televisivas.

Se estivesse em Toronto tinha, pelo menos, 3 jornais para ler. (risos)

Exatamente, (risos) exatamente... aqui em Otava, não.

Por que razão decidiu escolher a licenciatura em História como formação académica de base?

Acho que é a primeira vez que revelo publicamente isso. A verdade é que a minha primeira intenção era Economia. Depois, ainda antes de fazer os exames do 7º ano (o então 7º ano dos liceus), decidi mudar para Direito. Talvez um pouco influenciado pelo gosto do meu pai, que queria que um dos filhos fosse médico ou advogado. Ainda experimentei, de facto, o 1º ano do curso de Direito na Universidade Católica Portuguesa, mas acabei por me decidir pela História, que foi sempre um interesse muito forte e mudei antes do final do 1º ano do curso Propedêutico em Direito. Mudei para a Universidade de Lisboa, curso de História (1979-1984), porque era sem dúvida aquele curso que realmente gostava e que sentia uma vocação profissional: a minha intenção inicial era ser investigador, professor universitário-investigador.

E chegou a exercer a profissão?

Cheguei, mas depois o serviço militar que, na altura ainda teve a duração de dois anos, meteu-se pelo meio. Eu perdi a possibilidade de vir a ser assistente de um professor catedrático de então e depois um pouco levado por amigos de infância, um deles estava no Ministério dos Negócios Estrangeiros, acabei por concorrer ao ministério e, de facto, descobri ali outra vocação que inicialmente não estava nas minhas intenções.

E assim, se fez "história".

Foi exatamente assim que se fez "história". (risos) Exatamente.

E de que modo a sua formação em História lhe deu bases e o ajudou a desenvolver uma carreira diplomática?

Bastante, bastante. Aliás, devo dizer que antes do 25 de Abril, os cursos que davam acesso à carreira diplomática eram só três: Economia, sobretudo na vertente de Economia Internacional; direito, sobretudo na vertente do Direito Internacional e História, Histórico-Filosóficas.

Estas eram, de facto, as três licenciaturas que permitiam concorrer ao Ministério dos Negócios Estrangeiros. Depois do 25 de Abril, e muito bem, qualquer licenciatura era aceite para concorrer ao Ministério dos Negócios Estrangeiros.

No entanto, é evidente, sabemos que há, à partida, uma vantagem de preparação em face das matérias para o acesso à carreira diplomática em que o curso de História, ou de Direito ou de Economia, dão alguma vantagem por estarem ligadas diretamente ao exercício das funções diplomáticas, não é? Seja em Portugal, seja no estrangeiro. A História diria até, é em termos gerais a (licenciatura) mais abrangente enquanto formação para os concursos que abrem anualmente de ingresso na carreira diplomática.

Pode dizer-se, então, que saber a História de Portugal ajuda na transição para certos países como, por exemplo, países africanos, onde Portugal teve presença. Se calhar até é fundamental conhecermos a nossa História, para nos podermos depois adaptar aos países para onde emigramos, porque Portugal teve presença ou tem presença em quase todo o mundo, não é?

Evidente, evidente. Temos presença, de facto, em todo o mundo. Quer dizer, mesmo que não tenhamos em todos os países do mundo, temos em todos os continentes. De facto, sim, sem conhecer a História de Portugal é difícil ser diplomata ou qualquer outra coisa, não é? Quer dizer, diria que se pode ser médico sem conhecer a História de Portugal, mas mesmo assim é melhor conhecer a História de Portugal sendo médico, porque há aspetos estruturais, históricos, portanto, que podem ajudar a explicar muitas doenças que se observam nuns países e não noutros. Por exemplo, em Pretória descobri que há uma tipologia nas gengivas que é muito típica de grande parte da população portuguesa e que na África do Sul não se regista.

É importante conhecer a História de Portugal, até para ser médico, mas muito mais neste tipo de atividade (diplomática), não é?

Como disse e muito bem, tão importante como o nosso país é, ainda, conhecer a História do país em que somos colocados. Conhecer a História Mundial ou como hoje se diz, a História Internacional, tanto como a História do próprio país. Um dos aspetos que me parece determinante e sempre o fiz, mesmo que não tivesse esse conhecimento prévio, suficiente, foi a

preparação de um novo posto, ou seja, estudar a História desse país.

Significa igualmente estudar (bem) os dossiês do relacionamento bilateral e as prioridades que tem o país para onde vamos destinados. Mas é muito importante conhecermos a História desse país. Algumas vezes na minha carreira no exterior, já tinha um conhecimento suficiente da história do país onde fui colocado. Isso aconteceu mais evidentemente na Argentina, em França, na Bélgica e na Guiné-Bissau. A África esteve bem presente na minha formação e, em especial, no curso conducente ao Mestrado - até me propus, mas nunca cheguei a apresentar a tese precisamente sobre os países africanos de língua oficial portuguesa. Quando fui para a Guiné-Bissau precisei, talvez, de me atualizar num ou noutro aspeto, mas verdadeiramente já conhecia bem a sua História e os meandros da nossa ligação comum, para não necessitar de um estudo mais aprofundado; noutros casos, sim.

Ter esse conhecimento é uma clara vantagem para quem vai exercer funções diplomáticas no exterior.

Exatamente. É uma vantagem para que ao chegarmos estarmos imediatamente apetrechados sobre o que está a acontecer à nossa volta; também é uma vantagem no contacto pessoal, sobretudo com as autoridades dos países onde estamos destinados, já que causa sempre uma boa primeira impressão quando o nosso interlocutor percebe que sabemos do que se está a falar (quando o interlocutor nos diz algo que não constitui uma surpresa). Tudo isso constitui uma vantagem evidente.

Então, quando saiu da tropa, concorreu pela primeira vez ao ministério dos Negócios Estrangeiros, por influência de um amigo. Mas o que é que o fez continuar? Ou seja, o que o seduziu a continuar?

Sim, sim. Seduziram-me muitas coisas. Não foi só uma.

Diria que a primeira de todas, algo que não sei se atualmente se está a perder um pouquinho - espero que não -, foi o sentido de serviço público. Nos termos em que a minha geração o entendia... espero que não seja irreversível, pois acredito que as novas gerações terão outra forma de ver o serviço público. Mas de facto, para a minha geração, em primeiro lugar, o sentido de serviço público. Uma mesma razão que me levaria a ser investigador e professor universitário, também num espírito de missão (serviço público). Divulgar a História Internacional, no fundo, era quase o mesmo tipo de missão. Além do serviço público, a curiosidade, justamente, de conhecer outros países, outras formas de ver o mundo e, também, os lugares que não nos sendo tão distantes, até histórica e culturalmente, como a Argentina, o Chile, a França ou a Bélgica, não deixavam de ser diferentes de nós. É a razão porque sempre tive preferência por alguns continentes, relativamente a outros.



António Leão Rocha e esposa, Maria Luísa Leão Rocha no Chile

Créditos @ Direitos Reservados



Créditos @ Direitos Reservados



Créditos @ Direitos Reservados



António Leão Rocha e esposa e antigo Presidente da República, Aníbal Cabaco Silva
Créditos @ Direitos Reservados

Mas voltando só um pouquinho atrás... o Senhor Embaixador estudou os países por onde passou, Guiné-Bissau, França, Chile, etc. Do tempo em que desempenhou as suas funções em todos os países, o que traz na "bagagem" de cada um deles?

Trouxe sempre grandes experiências, as quais são absolutamente enriquecedoras e, de facto, o mais interessante para mim é, precisamente - para a minha vida e para a minha experiência profissional - o facto de cada experiência dessas ser cumulativa e transformadora, gerando um António Rocha diferente. Quer dizer, a convivência com outros contextos, com outras atualidades, com outros passados, mesmo muito próximos de nós, culturalmente e historicamente, são distintos e dão-nos outra perspetiva da vida, relativizam o mundo, e nós próprios, e as nossas circunstâncias.

E isso, de facto, é o aspeto mais enriquecedor da carreira diplomática, em termos pessoais. Em termos profissionais representar o meu país, os meus compatriotas e promover-nos no exterior. Em termos pessoais é o enriquecimento pessoal que sentimos, é em função do que vamos mudando, o que deixamos em cada país, onde ficam amigos e ficam acontecimentos que nos marcaram.

O que mais lhe agrada no trabalho diplomático? O facto de em cada ato estar a representar o nosso país, a componente política de relação com o país que o acolhe ou a componente de promoção de Portugal, estimulando as relações comerciais ou empresariais?

Das três, eu sobrevalorizaria a última, porém, um pouco das três... mas a última, sobretudo. Ou seja, podemos promover o nosso país onde estamos destinados, mas no sentido em que os benefícios sejam recíprocos, porque as relações diplomáticas são, nesse nível, essencialmente bilaterais. O nosso sucesso é, portanto, medido por aquilo que conseguimos avançar do nosso país, no país de destino, e ao mesmo tempo com benefício para o país de destino. Ou seja, a única forma de a relação ser saudável, desenvolver-se e aprofundar-se é que essa relação seja sempre mutuamente benéfica e, assim, é nesse sentido que devemos atuar. É nesse sentido que eu, pelo menos, atuo e que me sinto compensado e bem-sucedido nos resultados alcançados.

Chegou ao Canadá no ano passado. Passado este tempo, pode dizer-nos qual é a sua visão da realidade da comunidade portuguesa aqui residente?

Ainda não a visitei toda, como disse há pouco faltam-me muitos lugares, mas em particular falta-me conhecer, por exemplo, Vancouver, que será a terceira grande cidade em termos de presença portuguesa neste país.

Não será preciso visitar, porém, para ter logo percebido mal aqui cheguei e comecei a falar com as autoridades canadianas que a comunidade (portuguesa) é pujante, vibrante, com uma presença muito forte, muito marcante, porque toda a gente me fala dela e desses aspetos.

Aliás, é engraçado porque até agora foram muito poucos os canadianos sem qualquer ligação familiar ou outra com Portugal, que não me dissessem que já lá estiveram fosse de férias, fosse por outra razão. Em Otava é difícil encontrar um que diga que não conhece Portugal.

A nossa comunidade é diversa, no que até agora foi me foi dado perceber. Uma comunidade diversa que, de facto, também desse modo é representativa do nosso país, ele próprio muito diverso regionalmente, e em todos os níveis de vida pessoal ou profissional. Há portugueses no setor do comércio, na indústria, nos serviços, na cultura, nas artes e na política também.

Com a recente eleição de Charles Sousa, neste momento, somamos três deputados federais com origem portuguesa, em conjunto com a deputada Alexandra Mendes e o deputado Peter Fonseca, ainda nascidos em Portugal. Estamos bem significativamente representados pela comunidade, na diversidade que caracteriza o Canadá coma diversidade do nosso próprio país, não é?

Enfim, é, ainda, uma comunidade com muita atividade associativa, o que é importante. É importante para a comunidade e é importante para nós, Embaixada, porque constitui um veículo privilegiado de reforçar o nosso trabalho de promoção de Portugal, no Canadá. É verdade que os últimos dois anos foram mais complicados para alguns setores do nosso associativismo pelo efeito da pandemia, ao paralisar as suas atividades, sofrendo bastante com isso. Nem todas da mesma maneira. Esperemos que as associações, ou clubes, que sobreviveram e foram a maioria, tenham agora melhores tempos pela frente.

Aproveito, neste sentido, para recordar que a Embaixada e os Consulados-Gerais, os três que temos, estão totalmente disponíveis para ajudar as associações a candidatarem-se a apoios que a Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas disponibiliza. Para aquelas associações que sofreram com a prolongada paralisação de atividades, essa ajuda, neste momento, pode fazer a diferença. Concluíndo, digamos que não fiquei surpreendido porque já tinha conhecimento do que é a comunidade portuguesa no Canadá. Em funções anteriores, até no Ministério, tinha consciência do seu peso, das suas realizações da sua intervenção que a tornam, sem dúvida, uma comunidade muito pujante, muito diversificada e com futuro. Claramente me parece que a comunidade portuguesa é também um porto seguro do Canadá.

Teve oportunidade de participar na Parada de Portugal que desfila pela cidade de Toronto. Que impacto teve em si o facto de estar presente nas comemorações do 10 de Junho, numa das maiores manifestações de orgulho nacional?

Devo dizer-lhe que fiquei impressionado, porque também como disse, já tinha ouvido falar dessas comemorações, mas participar nelas e presenciá-las é totalmente diferente. É uma coisa de facto impressionante. São talvez as maiores comemorações fora de Portugal do 10 de Junho, em termos de mobilização das pessoas e das atividades em que eu participei na minha vida. Em Bissau, em particular, também há uma importante comunidade portuguesa, também a Embaixada em conjunto com parte da comunidade, todos os anos organizávamos manifestações com muito significado e muito impacto, diga-se de passagem, mas uma mobilização como esta, de facto, pelo menos fora de Portugal, com tal projeção e mobilização, creio ter sido a primeira vez que testemunho como Embaixador.

Devia ter visto antes da pandemia, ainda era maior. Infelizmente, muitas associações ainda não estavam no, digamos no "ativo" e, portanto, não puderam participar.

Pois, imagino... inclusivamente comentaram isso mesmo com Sr. Presidente da Assembleia da República, quem acompanhei nessas comemorações - como estava junto dele também ouvi que, desta vez, algumas associações e parceiros ainda não estavam suficientemente preparados para se mobilizarem e participar e, assim, a Parada não terá sido tão expressiva como outros anos. Mas, já fico a fazer uma boa ideia do que será quando todos estiverem a funcionar e mobilizados.

De que forma é que a comunidade portuguesa residente na Grande Área de Toronto se diferencia de todas as outras que conheceu por onde passou como diplomata, no que diz respeito à celebração do Dia de Portugal?

Em termos de colaboração, diria que se distingue na medida em que a comunidade é diferente, não é? A começar pelas origens regionais em Portugal. Em Toronto, é bastante diversificada, mais do que noutros países onde estive. Por exemplo, no Chile, a minha Embaixada anterior antes de vir para o Canadá, a comunidade portuguesa - mais ou menos 3.300 pessoas quando parti -, tinha crescido muito nos últimos dois anos, esmagadoramente devido à emigração de jovens luso-venezuelanos se foram instalar no Chile. Era uma comunidade já de segunda e terceira geração, sem grandes raízes em Portugal, sem dominar bem a língua portuguesa, mas toda ela bastante homogénea pela origem e pela faixa etária e formação. As manifestações eram mais ou menos homogéneas.

Em Toronto, não. Sabemos que a comunidade em Toronto e no Canadá em geral, tem uma grande origem nos Açores, mas não só dessa região de Portugal. É muito diversificada e essa colaboração também passa um pouco pela diversidade que existe em termos de origem regional em Portugal, o que é muito interessante. A comunidade em Toronto tem a sua colaboração direta, não com a Embaixada, mas com o Consulado - também é parte da missão diplomática de Portugal, no Canadá; no fundo é a mesma coisa, sem ser exatamente a mesma coisa.

Quais têm sido as suas principais preocupações desde que é Embaixador de Portugal no Canadá?

Em primeiro lugar desenvolver a relação entre os dois países. Ela já é muito forte e muito importante. O Canadá e Portugal são países com grandes afinidades e objetivos internacionais particularmente multilaterais, o que é fácil. Depois, a presença de uma comunidade tão importante, que é um contributo vigoroso, nesse sentido.

O meu primeiro objetivo é aprofundar e desenvolver o que já existe e encontrar áreas novas em que essa colaboração possa acrescentar-se ao quadro de relacionamento. Por exemplo na área económica onde Portugal e o Canadá têm interesses que podem ser bastante complementares e significativos. É o caso das energias renováveis, em geral. Portugal é atualmente, até mesmo em termos europeus, um dos pioneiros e um dos países onde o consumo doméstico alcançou maior expressão nesse setor.

Depois, por exemplo, a aposta do Canadá no hidrogénio verde área que Portugal também, está a desenvolver. Neste domínio, o Porto de Sines como a ligação mais óbvia e mais direta da exportação de hidrogénio verde do Canadá para a Europa é evidente. São duas áreas, claramente, em que é importante explorarmos mais as nossas complementaridades e os benefícios mútuos, tratando-se de dois países com claro pendor e objetivos convergentes, na transição energética.

Quando me preparei para vir para o Canadá, desconhecia algo que me foi revelado este verão passado, também muito graças à excelente colaboração da Dra. Inês Almeida Garrett, conselheira do Turismo de Portugal no Canadá: Lisboa, no período do verão de 2022 foi o quarto destino turístico em voos internacionais, para os canadianos, ultrapassando inclusive, Nova Iorque ficando a pouca distância dos outros principais: Londres, Paris e Roma; praticamente, ao mesmo nível de Roma. De facto, nota-se cada vez mais que Portugal está na "moda" enquanto destino turístico para os canadianos, o que é muito interessante e é, também, um filão a explorar melhor, tanto como trazer mais portugueses ao Canadá. São movimentos ainda um pouco sazonais que, acredito, também durante o inverno possam crescer nos dois sentidos, tal como

já acontece com outros países, não é? Também importa trazer mais portugueses ao Canadá. Faz todo sentido apoiar e estimular cada vez mais canadianos a viajar para Portugal, que façam turismo em Portugal.

Outro aspeto, também reconhecido para os últimos dois anos - um trabalho que foi feito antes de mim - é a instalação (residência) de muitos canadianos em Portugal ao abrigo daquele programa conhecido na gíria por Visto Gold. Mas neste caso não temos apenas a típica compra imobiliária para efeito de residência, como se registou no início em que a maioria das pessoas aproveitaram por residir parcialmente, no nosso país. Hoje em dia também há muito investimento produtivo com origem no Canadá e que dá lugar à residência.

Finalmente, neste ponto um outro elemento que acho que será útil na relação entre Portugal e o Canadá, já com sucesso pelo menos num dos sentidos, que precisa ter igual resultado do Canadá para Portugal: a mobilidade jovem, programas mistos de estadias anuais para estudo e profissional, ou seja, que permitem ter um emprego durante o período de permanência no respetivo país. Portugal ultrapassou a média destas vindas enquanto que o Canadá ainda está um pouco abaixo dela. Estamos a trabalhar conjuntamente também com a Embaixada do Canadá em Lisboa, para que o movimento seja mais paritário nos dois sentidos para que muitos mais jovens aproveitem. Este tipo de interação é atualmente uma das dinâmicas mais importantes na aproximação entre países (chamada "people to people"): o relacionamento entre povos que proporciona que as pessoas se conheçam melhor e que se acomodem melhor ao outro (país), para o qual têm curiosidade ou quiserem realizar uma experiência de vida. Isto, sobretudo, deve ser feito com jovens, não é? É de facto muito interessante.

Os jovens de hoje, muito mais do que os da minha geração têm grande propensão para ser "pessoas do mundo", cidadãos internacionais; gostam de viajar, de ter outras experiências e conhecer outros países, trabalhar no exterior. Muitos chamam-lhe a "geração Erasmus", porque esse famoso programa europeu proporcionou a todos os jovens uma abertura ao mundo. E, por isso, temos, como se sabe, muito emigração jovem que é esse perfil de "emigração Erasmus" que sai de Portugal de uma forma diferente e por motivos diversos das gerações anteriores.

Razões económicas?

Económicas, sim, mas de outra natureza, tanto como outras (razões). Não nos esqueçamos que, para França, nos anos 70, houve também alguma emigração chamada política, de opositores ao regime (salazarista), e de pessoas que não queriam cumprir o serviço militar por razões de consciência por exemplo, e que abandonaram Portugal, por esses distintos motivos. Não seriam só por razões económicas, embora é óbvio que nos anos 70 a maioria da nossa emigração teve motivos económicos - a conhecida fuga à pobreza. Hoje essa emigração Erasmus não tem nada a ver com aquele contexto ou motivação. Tem a ver com opções de vida e o gosto da experiência.



Créditos @ Direitos Reservados



Créditos @ Direitos Reservados

No próximo dia 13 de maio faz 70 anos que o navio Saturnia chegou a Halifax, Canadá, com os primeiros imigrantes legais. É uma data simbólica da maior importância para a comunidade portuguesa aqui residente. Considera que a data também deveria ser assinalada, de alguma forma, pelo governo canadiano atendendo ao impacto que os portugueses têm tido no desenvolvimento do país a vários níveis?

Eu não me quero pronunciar pelo governo canadiano. Devo dizer que desde que começou o ano 2023 que nos contactos que já tive desde que regresssei de Lisboa, tenho assinalado aos meus interlocutores canadianos oficiais que se comemoram os 70 anos da chegada do navio Saturnia. Celebração que os seus patrocinadores propõem oficialmente como Dia dos Pioneiros Portugueses no Canadá. Essa 'dinâmica' está inscrita nos objetivos da Embaixada para este ano e estamos a valorizar. Uma vez que parte das atividades que tínhamos programadas para 2022, no contexto dos 70 anos do estabelecimento relações diplomáticas bilaterais entre Portugal e o Canadá, foram adiadas para este ano, faz todo o sentido juntar: comemorando-se simultaneamente as atividades ainda remanescentes dos 70 anos das relações diplomáticas, com as programadas para assinalar os 70 anos da chegada dos primeiros emigrantes portugueses (legais) ao Canadá.

Quero notar que as autoridades canadianas, já em 2022, pelos 70 anos, mesmo para aquelas atividades que já se concretizaram, não estiveram oficialmente associadas se não, numa ou noutra através da Embaixada do Canadá em Lisboa. Provavelmente terão a mesma perspetiva relativamente às comemorações dos 70 anos da chegada do navio Saturnia. O que não quer dizer que não o reconheçam, com toda a importância devida. Aliás, todos os anos, como sabemos, o mês de junho é oficialmente assinalado neste país como do Património (Herança) Portuguesa no Canadá e, isso diz muito sobre a importância que as autoridades e o governo federal, neste caso, atribuem à presença da comunidade portuguesa e ao contributo dos portugueses desde há 70 anos para o desenvolvimento do país, para a grandeza e prosperidade do Canadá e, da sua rica diversidade sendo os portugueses um elemento fundamental e estrutural na sua composição.



E falando em imigrantes legais, é inevitável falar de imigrantes ilegais. O Canadá está numa fase de desenvolvimento. Só para o Ontário, para 2023 são precisos cerca de 200.000 trabalhadores para a construção e é conhecida a extrema necessidade de mais imigrantes para colmatar a falta da população nesta área, neste caso, mão-de-obra, na construção. Então, atendendo ao histórico de excelente reputação dos portugueses no mundo do trabalho canadiano, o que poderá ser feito pelos governos dos dois países para facilitar a entrada de mais mão-de-obra portuguesa no Canadá e ainda a legalização dos muitos que já cá vivem e trabalham há anos, mas permanecem ilegais?

É uma boa pergunta. E importante. Para o Canadá antes de mais. Eu separava dois temas: o primeiro sobre as intenções em termos de novos imigrantes, que o governo do Canadá necessita e que já anunciou e, por outro lado, a regularização daqueles que já se encontram neste país. Começando pela primeira, saberá com certeza melhor até do que eu, que muito recentemente o ministro da Imigração do Canadá, Sean Fraser anunciou que até 2025 o governo do Canadá vai promover a chegada de novos imigrantes ao país, com uma quota de 500.000/ano, o que é, de facto, um número absolutamente impressionante. E o Canadá tem necessidade e falta desses "contingentes", para conseguir mão-de-obra, de que tanto carece, sobretudo em setores onde ela é mais urgente, como a construção civil, não é?

Mas, essa quota é dividida...

Sim, é dividida pelas províncias e é considerada segundo as necessidades que cada província tem.

E não só, também em número de imigrantes por país.

Exatamente.





Créditos @ Direitos Reservados

E Portugal, normalmente, tem um número inferior comparado a outros países.

Essa quota, ou cifra tem que ver, segundo me foi explicado pelo ministro Sean Fraser quando com ele me encontrei para conhecer o alcance desse anúncio que a quota é dependente do tipo de imigrantes “desejados” e em função da capacidade do país de origem corresponder ao perfil contido. Como sabe, a imigração canadiana é muito planeada, passa um pouco também pelo perfil traçado como necessidades em cada província, não é? O Québec, por exemplo, tem aspetos muito particulares. A decisão quantificada é determinada um pouco por essas necessidades. Não conheço quanto a Portugal, a quota que vai ser anunciada. Sei que o ministro Sean Fraser mostrou interesse em conhecer se Portugal ainda continua a ser um país de emigrantes, ou já só um país de imigrantes, pois hoje somos bastante mais um país que recebe imigrantes do que saem. As áreas onde, eventualmente, Portugal poderia ser de maior interesse para o Canadá, não serão interessantes para nós, em que também temos necessidades e falta de profissionais, nesses setores.

Depois há a construção civil. É verdade que é na área da construção civil - tive mais do que uma oportunidade de falar com os responsáveis da LiUNA sobre este setor - temos muitos trabalhadores indocumentados. E a construção civil, especialmente na Grande Toronto tem, extrema necessidade de mão de obra. É uma negociação que fará o Canadá. Primeiro que tudo, em função das necessidades que tem nessa área e, depois, a partir da sua programação será analisado naturalmente, com o nosso país. Não lhe posso adiantar mais nada porque não me foi revelado. Relativamente aos indocumentados, é de facto uma preocupação, mas devo dizer que é sobretudo uma preocupação canadiana, porque é complicado estimular as quotas de imigração anuais quando simultaneamente há, mais ou menos, 200.000 imigrantes ilegais no país. Fará sentido procurar legalizá-los. Sei que o governo canadiano discute aumentar o número daqueles que estando nessa situação poderão vir a solicitar residência permanente, mas não posso adiantar mais porque não há certezas.



Créditos @ Direitos Reservados

Pelo menos estão a tentar resolver o problema e isso é um passo importante.

Pois é, sei que estão a discutir e isso não é totalmente segredo, porque a imprensa há uns dois meses deu sinal dessa possível intenção, noticiando o debate dentro do governo a forma em que poderia perspetivar a regularização, pelo menos de parte dos trabalhadores indocumentados que já e encontram no Canadá.

E, para finalizar, gostaria de o convidar a deixar uma mensagem aos nossos leitores, à comunidade portuguesa no Canadá e no mundo.

A primeira mensagem, uma vez que a revista se chama Amar, é que, de facto, o ano de 2023 seja um ano de felicidade, com amor. Os portugueses têm um sentimento muito próprio de amor, muito fraterno e muito arreigado. Assim, a primeira mensagem é esta: que a revista seja o veículo de amor e que a comunidade como tantas vezes já provou reflita esse amor, essa fraternidade essa entreaajuda, a solidariedade.

Uma outra mensagem, também para a comunidade portuguesa, não só para os leitores da revista, é que seja um ano de grandes realizações, que seja um ano muito melhor que o anterior.

No Canadá também se sentem os efeitos da invasão russa da Ucrânia: que os seus efeitos impactantes nos portugueses e nos canadianos possam ser rapidamente superados, que o mundo possa reencontrar rapidamente a estabilidade. Que depois da pandemia as pessoas recuperem as suas vidas normais. Sabemos que não vai ser tão fácil. O fim da pandemia que nos encheu de esperança mergulhou num período ainda mais difícil para as nossas vidas, muito adverso para todos nós, seja no plano comunitário, seja no plano nacional, como no plano individual. É meu desejo é que as pessoas possam realizar-se pessoalmente e sofrer o menos possível.



BAIRRADA

CHURRASQUEIRA

GRILLHOUSE - **SINCE 1989**

Traditional Portuguese Cuisine

www.bairrada.ca | info@bairrada.ca

**FELIZ DIA DA
FAMÍLIA!**



1000 College St.
(416) 539-8239

1560 Dundas St. W
(647) 346-1560

2293 St. Clair Ave W.
416) 762-4279

COMERCIAL • INDUSTRIAL • RESIDENCIAL



Feliz Dia da Família são os votos da AJF Forming a toda a comunidade, clientes, familiares e amigos

TUDO COMEÇA AQUI!



JOHN SILVA
416.891.5781

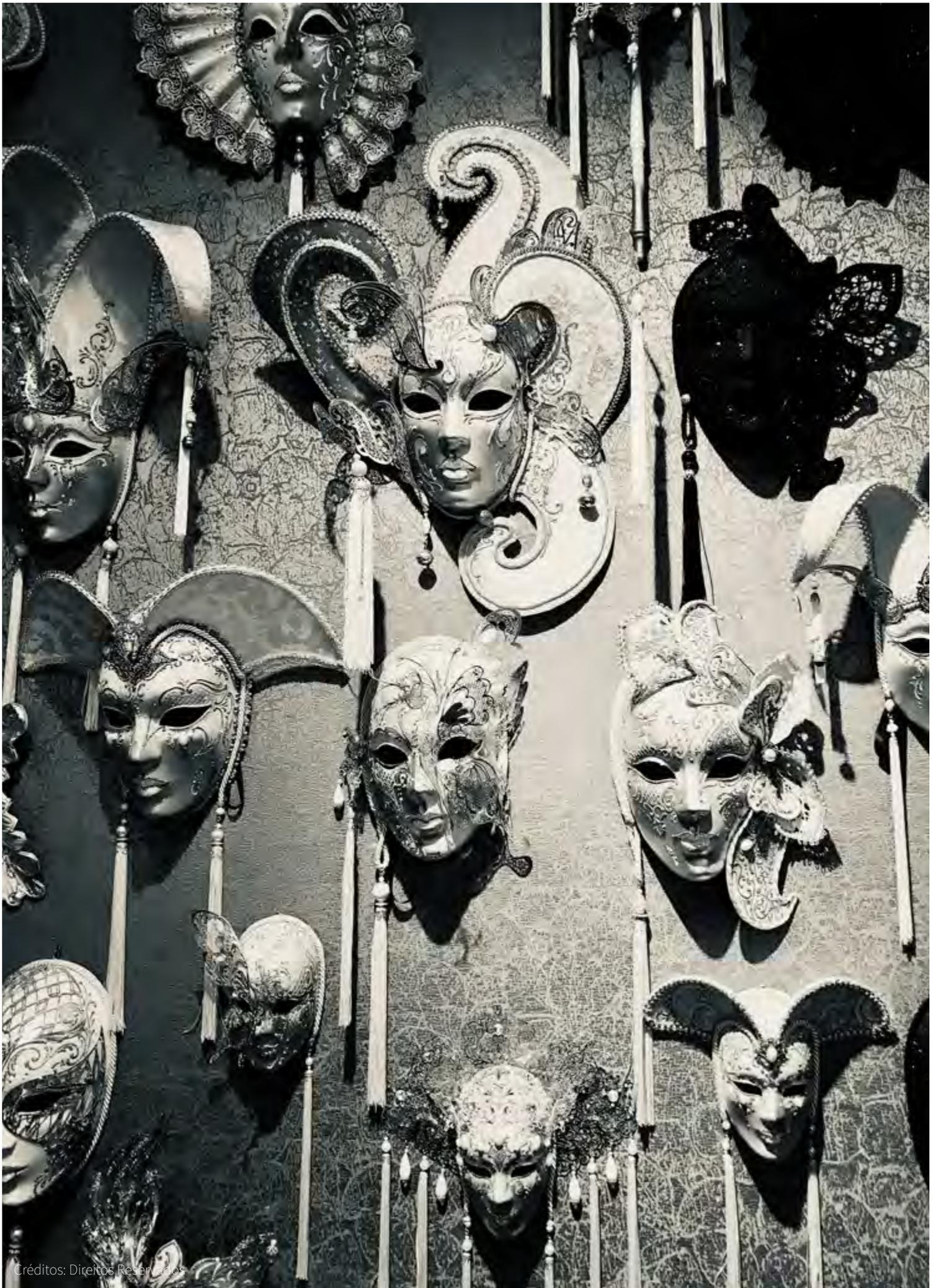
TONY SILVA
416.936.3961



Escritório: (416) 537-7431 • Fax: (416) 537-0111



Email: ajfforming53@gmail.com



Créditos: Direitos Reservados

A vida é um Carnaval

“Pra que chorar? Se a vida é um carnaval, e é mais belo viver cantando?”, já cantava Daniela Mercury. E é seguro dizer que todos podemos concordar que é verdade. Afinal, tristezas não pagam dívidas...Se bem que, de vez em quando, até dava um certo jeito!

Brincadeiras à parte, caminhamos a passos largos para aquela que é, para muitos, a altura mais feliz e divertida do ano, onde aproveitam para dar largas à imaginação e vestir a pele de um sem número de personagens - que podem ir desde celebridades até animais, alimentos... enfim, o céu é o limite no que toca aos disfarces de carnaval!

Bem, mas já que estamos próximos de celebrar, mais uma vez (e agora com mais liberdade) esta festividade, porque não darmos a volta ao mundo para encontrarmos alguns daqueles que são considerados os melhores carnavais do mundo? Há de tudo... e para todos os gostos!

Inês Barbosa
MDC Media Group



Mardi Gras

O Mardi Gras, ou Terça-feira gorda, é o dia que antecede a Quarta-feira de Cinzas e o início da Quaresma. A celebração teve a sua origem na Europa Medieval, viajando posteriormente até aos Estados Unidos da América - ainda que não existam certezas relativamente à data em que ocorreu o primeiro Mardi Gras nos Estados Unidos, a maioria dos historiadores aponta o dia 3 de março de 1699 - altura em que Bienville e Iberville, exploradores franceses, chegaram à área onde hoje é o Louisiana e partilharam esta tradição de carnaval francesa.

No entanto, hoje a festa é bem diferente da dessa altura - se antes podia ser vista como uma celebração dos menos privilegiados, hoje todos querem fazer parte da mesma!

Na realidade, a festa não dura apenas um dia... mas sim um mês inteiro! Entre música, desfiles, os tradicionais king cakes (bolos rei), missangas (aos montes), perucas, chapéus, disfarces, que vão do mais simples ao mais excêntrico e peculiar, álcool e comportamentos mais lascivos... vale (quase) tudo neste carnaval!



Carnaval de Veneza

É o maior festival de Veneza e consta-se que se realizou pela primeira vez no século XII - na altura, a folia estendeu-se por mais de dois meses!

Reza a história que a celebração aconteceu depois da vitória da "Serenissima Republica", a República de Veneza, sobre o Patriarca de Aquileia, Ulrico di Treven, em 1162. Diz-se ainda que o carnaval surgiu como forma da nobreza se disfarçar, sair e misturar com o povo.

O festival foi acontecendo ao longo dos anos até que em 1797, sob o domínio do rei da Áustria, foi totalmente proibido - proibição essa que se prolongou durante décadas.

Já no século XIX, a pouco e pouco, o carnaval voltou a ser celebrado - numa primeira fase em eventos privados, que funcionavam como uma montra para diversas criações artísticas. Só em 1980 é que o carnaval veneziano regressou com toda a força e de forma oficial, como um meio para impulsionar o turismo na região durante o inverno.

Bem diferente de "outros carnavais" ao redor do mundo, o carnaval veneziano é conhecido pelos trajes tradicionais e renascentistas, pelas máscaras de "papier mâché" (massa de papel e cola branca) ou de porcelana e pelo icónico desfile na Piazza de San Marco.



Carnaval do Rio

Não só de praias de sonho e de paisagens estonteantes se faz a Cidade Maravilhosa: todos os anos, milhares de pessoas viajam de todos os cantos do mundo para assistir àquele que, para muitos, é O Carnaval.

O desfile das 12 escolas de samba que compõem o "Grupo Especial" no Sambódromo da Marquês de Sapucaí é transmitido para milhões de telespectadores espalhados pelo globo - e se já ficamos assoberbados com aquilo que vemos nos ecrãs das nossas televisões, imaginem ver este espetáculo ao vivo!

Para além deste grandioso desfile, existem ainda bailes de máscaras, festas móveis, bandas de rua e blocos - em 2023, mais de 400 blocos foram autorizados a desfilarem durante o carnaval de rua.

Em termos históricos, foi em 1846 que José de Azeredo Nogueira Paredes fez o seu primeiro desfile, dando início à tradição do Zé Pereira no Brasil. Já em 1928 é formada a primeira escola de samba, a Deixa Falar, e em 1932 acontece o primeiro desfile oficial de escolas de samba no Rio de Janeiro.





Créditos: Direitos Reservados

Carnaval de Colônia

Este é, provavelmente, um dos carnavais menos conhecidos desta lista - e vem contrariar a ideia que o povo alemão é reservado e pouco dado à folia. Aqui não falta cor, música, e muita animação!

Pela sua importância, esta celebração é conhecida como "a quinta estação": para além do Carnaval das Mulheres, altura em que as habitantes da cidade vestem trajes festivos para ir trabalhar, existem também bailes de máscaras e festas à noite, mas o auge é mesmo a parada da Segunda de Rosas ou Segunda de Carnaval - uma marcha que percorre Südstadt (a parte Sul de Colônia). Carros alegóricos originais, feitos a partir de materiais inusitados, tais como caixas de chocolates e doces, e a partir dos quais são lançados bugigangas, rebuçados e chocolates ao público, são a principal atração desta divertida (e muito doce!) marcha.

Uma curiosidade: as festividades associadas a este carnaval têm início, sem exceção, no mesmo dia e hora todos os anos: às 11:11 horas do dia 11/11. Ainda que não exista uma explicação para tal, a tradição é respeitada e mantida pelos alemães.



Créditos: Direitos Reservados

Carnaval de Binche

Não haverá melhor forma de definir este carnaval do que esta: foi considerado, em 2003, como "uma obra-prima da herança oral e imaterial da humanidade" pela UNESCO! Já dá para ter uma ideia da grandiosidade e singularidade desta festa popular, não é verdade?

Ainda que, durante o mesmo período, aconteçam outros carnavais na Bélgica, Binche acaba por se tornar no mais importante e ganhar maior destaque graças à sua longa tradição (é um dos eventos mais antigos do género na Europa), que incluiu os famosos Gilles (artistas disfarçados e cujos fatos são preparados durante meses e inspirados sobretudo em eventos atuais), eventos onde se atiram laranjas como sinal de boa sorte, entre outras práticas bastante peculiares.

A preparação para este carnaval é realizada durante um ano inteiro pelos residentes de Binche. Para além disso, é uma honra para os homens locais vestirem a pele de "Gilles".

Agora resta encontrarmos disponibilidade (financeira e temporal) para conseguirmos viver na primeira pessoa todos estes carnavais! Afinal, e recorrendo mais uma vez à sabedoria popular, a vida são dois dias... e o Carnaval são três!


Windmill
Group Corporation
CONCRETE AND DRAIN WORK

FELIZ DIA DA FAMÍLIA

905-636-8860 windmill@bellnet.ca



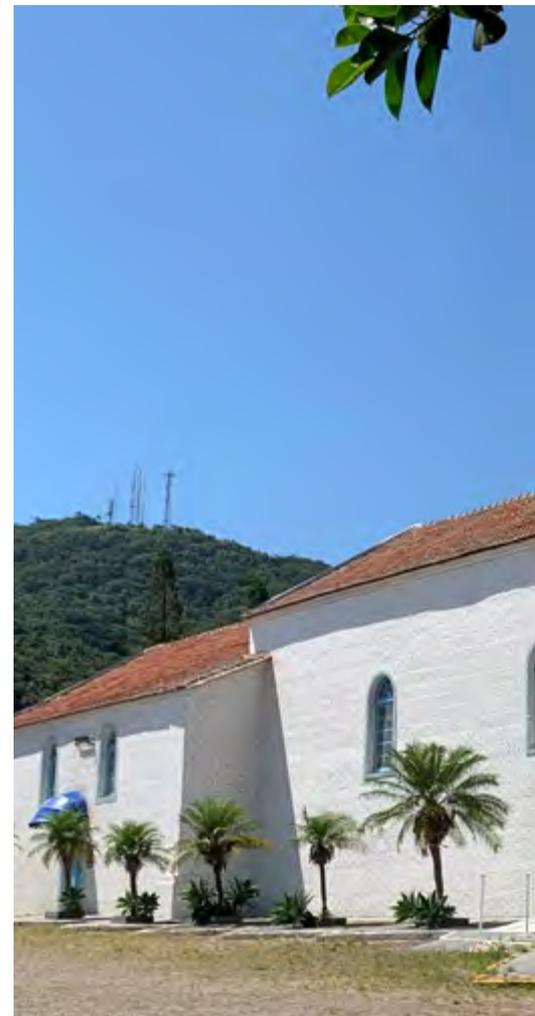
A wide-angle photograph of a coastal settlement. In the foreground, there is a body of brownish water. In the middle ground, several small, rectangular houses with corrugated metal roofs are built on wooden stilts over the water. Behind the houses, a dense mangrove forest stretches across the landscape. In the background, there are rolling green hills under a clear, bright blue sky. The overall scene is peaceful and scenic.

Raízes açorianas entre Mirim e o mar





Antiga seringueira da praça
Créditos © Manuela Marujo



Casa açoriana
Créditos © Manuela Marujo



Casa açoriana
Créditos © Manuela Marujo



Igreja de Sant'Ana
Créditos © Manuela Marujo

Descobri o Estado de Santa Catarina, no sul do Brasil, há pouco mais de 20 anos. A minha surpresa foi encontrar na Ilha de Santa Catarina, onde se situa a capital do Estado – Florianópolis -, sinais indiscutíveis da presença dos primeiros povoadores açorianos, os chamados “Manezinhos” da ilha.

Os vestígios são evidentes na arquitetura das igrejas, como as das freguesias de Santo António de Lisboa, Ribeirão da Ilha ou Lagoa da Conceição. São-no também nas fachadas dos prédios mais icónicos no Centro histórico da cidade, como os do Mercado Público ou Casa da Alfândega. Os ossos de baleias, decorando os jardins na Praia da Armação, remontam a uma atividade familiar aos pescadores dos Açores que se fixaram nestas praias do sul para a caça desses gigantes dos mares.

Na primeira metade do século XVIII, seis mil casais açorianos foram aliciados pela Coroa Portuguesa para povoar essa região sul do Brasil. Levavam três meses de viagem para chegarem a essas paragens no ano de 1748, vindos essencialmente das Ilhas Terceira, São Jorge, Faial, Graciosa e Pico. Tomei conhecimento que, ao longo dos anos, se fixaram primeiro na Ilha, depois no continente (atualmente parte de Florianópolis), e se distribuíram ao longo do litoral.

Uma das freguesias mais antigas, datada de 1752, é Sant’Ana de Vila Nova, no município de Imbituba, a menos de 100km da capital do Estado. Na pracinha onde hoje se ergue a bonita igreja, foi desde logo construída uma capela de pedra, cal e restos de sambaquis. Por determinação do Rei D. João V, a primeira paróquia da região foi inaugurada em 1753.

Nos últimos anos, o interesse pelo estudo da genealogia dos descendentes dos primeiros povoadores levou à pesquisa de documentos, preservação da história oral nas vozes de muitos idosos da região e recolha de artefactos. Em 2018, foi criada uma “Casa Açoriana” nessa freguesia com o fim de resgatar a herança açoriana.



Interior da casa
Créditos © Manuela Marujo



Interior da casa
Créditos © Manuela Marujo





Liderada pelo historiador Ronaldo Augusto Pires, auxiliado por um grupo ativo de voluntários que se associaram à mesma, a Casa Açoriana de Sant'Ana de Vila Nova tem levado a bom termo uma série de iniciativas cujos objetivos estão ligados ao conhecimento das raízes açorianas dos primeiros povoadores. O entusiasmo e empenho dos que se associam a esta Casa, têm sido relevantes para a divulgação de tradições religiosas e laicas, a criação de grupos de artesãos que recriam as rendas de bilros, trabalhos de tecelagem, produção de licores, etc.

Sem o saber acumulado em livros e outros documentos, todos estaríamos menos bem informados. A inauguração da Biblioteca Machado Pires II, que recentemente teve o privilégio de poder testemunhar, irá enriquecer, dignificar e permitir que os jovens estudantes do município de Imbituba tenham as ferramentas ao seu dispor para melhor saber de onde vêm os seus antepassados.

Foi comovente presenciar as manifestações de orgulho pelas raízes açorianas, através da música, da poesia, e da gastronomia que atraíram à Casa Açoriana de Sant'Ana de Vila Nova dezenas de pessoas de vários grupos etários. Uma exposição temporária com o título "Antero de Quental & Vitorino Nemésio" cedida pela Direção Regional das Comunidades (Açores) ocupava as paredes da Casa. A professora Vilca Merízio prendeu a atenção dos visitantes que a escutavam com interesse, enquanto apresentava a obra literária dos autores.

O sábado estava escaldante. Com a proximidade da praia dum lado, e a atraente Lagoa de Mirim com as suas típicas palçadas do outro, impressionou-me ver o genuíno entusiasmo pela cultura que mobilizou aquela multidão a juntar-se na casinha branca de barras vermelhas. Senti-me em Portugal.

Manuela Marujo

Professora Emérita da Universidade de Toronto





BPA

Customer Service | Accountability | Innovation

TORONTO
MISSISSAUGA
NORTH YORK
LONDON
HALIFAX
ST. JOHN'S

HAPPY FAMILY DAY

Benefit Plan Administrators Limited is a financial services company dedicated to providing leading edge professional administrative, custodial, consulting and Trust Management services needed by our clients today and into the future.

CUSTOMER SERVICE
ACCOUNTABILITY
INNOVATION

DESEJAMOS-LHE UM FELIZ DIA DA FAMÍLIA

Ulysses & Salomé Pratas

Presteve
 **Foods**

prestevefoods.com  /PresteveFoods



A fascinante vida celta na Península Ibérica





À exceção de vívida luz da lua cheia, as estrelas no firmamento e as labaredas da fogueira naquele bosque iluminavam a deliciosa noite de primavera, numa clareira de uns poucos metros de diâmetro, rodeada por árvores e arbustos. Tudo formava o palco do encontro tão inspirador quanto espiritual dos membros celtas daquela região da Península Ibérica. O silêncio só era quebrado quando a música doce e profundamente mística irrompia desde aquela circunferência natural até aos extremos da mata. O balançar rítmico das pessoas dava-lhes a aura de insondável hipnose, em uma espécie de concentração que supostamente as tirava dali e as transportava para mundos misteriosos e surpreendentes.

Havia uma clara comunhão entre eles e a natureza, entre céu e terra, uma magia capaz de estabelecer o equilíbrio tão vorazmente perseguido até aos dias de hoje. Bardos, com suas cantigas poéticas e descritivas sobre os conteúdos druídicos; Ovates e suas vidências, curas e trânsito entre mundos, para além da aprofundada relação com a fauna e a flora, e Druidas, o cimo da sabedoria e da condução das cerimônias, faziam do evento não apenas uma grande festa, mas uma ponte que ligava o ser humano ao seu ser mais íntimo, mais próprio e singular. Note-se que a formação espiritual (com maior liberdade) desenvolvia-se em décadas, seguindo a ordem dos nomes já citados.

Qual um processo alquímico, a arte de transformar cada um, havia o espaço na natureza para tal condição. O bosque, por exemplo, era o templo no qual sua dança, seu transe, sua meditação e o ato de comungar com os mistérios do sobrenatural, encontravam amparo irrestrito. É devido pensar que cabe ao ser humano compreender-se a fim de decidir se deseja avançar em sua jornada pessoal, tornando-se o juiz das decisões acerca da sua evolução.

Mas surge uma questão tão simples quão difícil de ser respondida, pois ao trazer às conversações o povo celta, como é possível classificá-lo se há inúmeras discordâncias entre os seus estudiosos? Existem dedicados e profundos conhecedores do assunto, cujo valor parece ultrapassar o próprio desejo de conhecer empolgante temática. Ademais, por Celta, compreende-se um volume significativo de povos, de regiões distantes entre si, de cuja data ao redor de dois mil anos antes de Cristo, sugere-se a sua origem.

Quem eram? De onde vieram e acabaram por se espalhar feito uma explosão geográfica que demonstra ser da Anatólia (atual Turquia) até a Península Ibérica? "Ephorus [historiador grego], em seus relatos" aponta o historiador e também geógrafo grego Estrabão, "faz Céltica tão excessiva em seu tamanho, que ele atribui às regiões da Céltica a maioria das regiões, tão longe quanto Gades, no que hoje chamamos Península Ibérica." O que os impulsionou a tamanha dinâmica populacional?

Seria muito ousado sugerir que talvez possam ter saído de regiões tão antigas, desde Çatalhuyuk, na outrora Anatólia, por exemplo? Mais, que fazem parte de uma importante transição do Período Neolítico para o Período Calcolítico e seus metais? Somos nós lá atrás, os eternos andarilhos do planeta em busca de tudo quanto seja possível e um pouco mais?



Armando e Andréa na região de O Cebreiro, com as habitações celtas
Créditos: Armando Neto



Habitação museu celta em O Cebreiro, Galícia, Espanha
Créditos: Armando Neto



Andréa e a habitação celta em O Cebreiro
Créditos: Armando Neto



Habitação celta em O Cebreiro, Galícia, Espanha
Créditos: Armando Neto

Longos caminhos, exploração de terras e seus recursos, permanência, mudança, continuidade e aperfeiçoamento de habitações, sistemas defensivos, economias, vida social e espiritual. É uma longa lista, bastante provocativa no que diz respeito à sobrevivência e ao desejo de superação.

Não obstante, como Portugal - os estudos a respeito da vida celta na região transmontana, por exemplo, os desenhos com linhas concêntricas (possibilidades em estudo) nos mais de noventa monólitos (pedra) do monumento megalítico do Cromeleque dos Almendres, em Évora, ganham constantemente adeptos pelo país e encontros em lugares próprios, como é o caso de Sintra -, a Galícia, no noroeste da Espanha, debruça-se sobre o tema, pois em seu chão ergueram-se habitações que até hoje podem ser visitadas. Na região de Lugo, O Cebreiro é uma deslumbrante aldeia onde casas de pedra com teto de palha, em formato circular, as 'palhoças', dão o abundante testemunho da ancestral ocupação celta por ali. É ainda curioso e também místico observar que o povoado é a porta galega do caminho francês que leva a Santiago de Compostela, e fica a 1300 metros, entre as serras d'O Courel e dos Os Ancares. Rota dos peregrinos, por excelência, deve se impregnar, lembremo-nos, de energias e esperanças de uma espécie que é tão complexa como curiosa através da sua própria jornada, por meio da busca de si mesmo.

Afinal, o que tencionavam os celtas com o seu jeito de viver na Península Ibérica? Usufruírem de terras sempre ideais para o ser humano? Difundir a sua cultura, a sua visão espiritual e o consequente desenvolvimento? O que deles podemos extrair, sabendo de antemão que a natureza era a sua preciosidade através de tão profunda harmonia? O que fazemos com ela nos dias atuais? O que a natureza representa para a nossa vida contemporânea, para a eventual solução de tantos e crescentes problemas pessoais e populacionais que temos sentido na pele e assistido frequentemente?

Não seria interessante alcançar um bocadinho da fascinante vida Celta na Península Ibérica?

Armando Correa de Siqueira Neto

Psicólogo e Mestre em Liderança



HELP US BUILD ONTARIO

The Carpenters' Union
JOIN TODAY

organizing@thecarpentersunion.ca

**We Offer Among the
Best Benefits, Pension &
Wages in the Industry**

**Plus a \$450 Bonus for full
COVID-19 Vaccination
(Local 27 Toronto)**



Carpenters' District Council of Ontario

www.thecarpentersunion.ca | 905.652.4140



JOÃO TORDO

Mistérios para fora dos limites dos próprios livros

João Tordo, filho do reconhecido músico Fernando Tordo, tem na escrita enredos ao nível dos bestsellers internacionais. Autor de dezasseis livros, divididos entre o romance, o policial e o ensaio, venceu o Prémio Literário José Saramago em 2009, com o romance "As três vidas", e o Prémio Literário Fernando Namora em 2021, com "Felicidade". Depois de "Águas Passadas", o escritor regressa para um novo mistério de matrizes bizarras com "Cem Anos de Perdão".

João, obrigado por estares aqui conosco. É um privilégio estar a falar contigo. Não alongando muito e depois de muitos livros, do curso de Filosofia, Jornalismo, Música... escreveste muito tempo só para ti?

Sim. Durante um tempo, algumas décadas. Só publiquei o primeiro livro quando tinha 28 anos. Foi uma aprendizagem. Foi basicamente sentar-me e aprender o meu ofício. E foi uma coisa que começou em miúdo e depois foi-se prolongando ao longo dos anos, conforme tinha disponibilidade. Eu não estudei para ser escritor porque não há propriamente um curso para isso, não é? Mas é uma questão de dedicação e de persistência e de teimosia. Da possessividade também. E, portanto, fui lentamente aprendendo aquilo que eu gostava de fazer.

Ficou muita escrita na gaveta nesse tempo?

Fica sempre. Eu até gosto. Ao longo das décadas fui deixando muitas coisas por publicar, porque não são, não têm qualidade ou porque são experiências, ou são coisas que foram sendo feitas à margem das coisas principais. Não passa pela cabeça publicar tudo aquilo que escrevo. Seria insensato. Portanto, aquilo que eu publique é o melhor que eu consigo fazer, sendo que há muita coisa que fica para trás.

Como é que se passa da fase da simples escrita para uma escrita em forma de livro?

Esse é o segredo. Ao contrário de outras áreas em que nós esperamos que as pessoas tenham aprendizagem, como a música, por exemplo, ninguém vai para um concerto de um pianista que não estudou, não é? Ninguém vai ver a Gulbenkian para ver uma orquestra que não ensaiou, que não sabe o que está a fazer. Mas parece que com a escrita há uma espécie de paradigma diferente, em que, como todos nós escrevemos, logo todos sabemos escrever. E não é exatamente assim. Todos escrevemos e-mails e mensagens de texto e cartas de amor. Talvez agora acho que escrever um livro é uma experiência completamente diferente.

Escrever um livro também tens de ter uma identidade literária. E para a ter, é preciso ler a escrita dos outros?

Sim, eu acho que ler é fundamental. Enquanto escritor ao ler muitos autores, comesças a perceber mais ou menos onde te situas e como é que tu podes ter alguma coisa a dizer. Existe a mistura entre a linguagem, daquilo que vais aprendendo e tirando dos autores maiores do que tu. Lentamente chegas a um tom que é só teu...uma coisa que demora muito tempo, mas quando se consegue é muito recompensador.

Já tinhas obra já editada, mas em 2009 recebes o Prémio Saramago. Que João Tordo eras quando recebeste o Prémio Saramago?

Era um João ainda muito temeroso, muito a apalpar ainda o terreno. Muito jovem para escritor. Já tinha a idade em que um futebolista já está a chegar aos últimos passos. Mas para um escritor 33 anos é muito jovem, não é? Eu estava a ver o terreno, a ver o que é que eu podia fazer. Tinha muita dúvida e muita insegurança. Atualmente tenho menos, mas acho que nunca me deixa completamente em segurança, embora com o trabalho e com os livros publicados tenha ganho sim, uma estrutura que não tinha.

Chegaste a conhecer o Saramago ou conheste o somente na entrega do prémio?

Já conhecia a mulher dele. Conheci-o na entrega do prémio. Depois, durante o ano que se seguiu, porque ele morreu um ano depois da entrega do prémio, tive com ele três ou quatro vezes. Partilhamos algumas coisas. Era um homem genial e austero, o que significa que não é para toda a gente esse tipo de personalidade. Eu gostava particularmente, porque gosto de uma certa austeridade que depois acaba por ser quase irónica. Era um homem com um sentido de humor muito britânico, muito, muito astuto. E isso eu gosto muito.

Tens um novo livro Cem Anos de Perdão. O que é que te levou a escrever este livro? Este livro é a continuação do anterior? Pode se ler separadamente ou não?

Pode ser separadamente. É a continuação do outro no sentido em que quando inventei a Pilar apareceu o Cícero, que são os protagonistas. Eu decidi que só continuaria se o público gostasse deles. Isto é um pouco na maneira como Conan Doyle e Agatha Christie faziam no seu tempo. Tudo publicado em fascículos e depois o público leitor é que decidia se gostava ou não. O povo até escreviam cartas ao Conan Doyle a dizer "olha, gosto disto, não gosto daquilo", etc. Decidi que também durante os dois anos que passaram desde Águas Passadas até este, seria o público a tomar essa decisão... os leitores. Muitas vezes que eu fazia sessões públicas, os leitores perguntavam pela Pilar, eu percebi que era uma personagem que eles gostaram, então decidi continuar.

Que tempo é este que separa estas duas obras no tempo literário? Passou muito tempo depois do reencontro destas duas personagens.

Não. O tempo literário é exatamente igual ao tempo real. Dois anos depois, continua a história. Dois anos entre livros, também.

Uma história com 600 páginas.

Acho que um pouquinho mais. É fácil ter estas páginas num policial. É fácil porque tens muitas personagens, tens um puzzle por montar. Neste caso é uma ilha ao largo do canal de Bristol, onde há uma seita religiosa muito particular e a Pilar, tendo já saído do seu meio habitual que é Lisboa por razões que se percebem no final de Águas Passadas, vê se desamparada e sozinha e reencontra o Cícero. Portanto, havia ali muita coisa para contar e é muito fácil num policial chegar às 600 páginas.

É difícil acabar de escrever um livro?

Não. Eu acho que a parte difícil é o meio. É quando estás ali mais em esforço. Sabes que ainda te falta tanto quanto o que já fizeste e já vais cansado. É como a maratona. Nas maratonas, eles dizem que ao fim de 20 e tal quilómetros é quando é a parte mais aguda em termos de sofrimento, porque ainda te falta metade e já estão exaustos.

Existe dias de papel em branco?

Para mim não. Eu escrevo mesmo que seja lixo. Mas preciso de sentir que há progresso todos os dias.

O tédio, o silêncio e as melancolias ajudam na escrita?

Depende dos livros que estás a escrever. Eu acho que nada ajuda na escrita que seja, perturbador do estado de espírito quando se está a escrever, agora, se ajuda a ter certas ideias e a cultivar uma espécie, uma toada só tua... sim, definitivamente ajuda.

A literatura em Portugal como é que vai?

Vai muito bem. Segundo e ao contrário do que se diz, que as pessoas não leem aqui, acho que isso é tudo um viés de confirmação. Na verdade, nunca se venderam tantos livros como hoje, nunca houve tantos leitores e também nunca tive tanto feedback dos meus livros. Pessoalmente, nunca vendi tanto. E os escritores dizem a mesma coisa. Portanto, é uma indústria e é um mercado com tudo de bom e de mau. Mas se nós queremos que o livro esteja em todas as casas das famílias portuguesas, têm de estar no mercado. As pessoas depois escolhem aquilo que querem. Agora que está vivo e bem vivo, está.

E da comunidade portuguesa que está no Canadá? O que é que conheces? O que é que sabes dela?

Conheço bem. Já fui ao Canadá várias vezes, inclusive a convite do Instituto Camões. É um país que eu adoro. Eu estive lá três meses em 2013 no Quebec. Ainda não conheço a parte mais ocidental. Para a comunidade queria dizer que acho que é dos melhores países do mundo para ser sincero. Mando-vos um grande abraço para todos.

Paulo Perdiz

MDC Media Group



NOVA PASTRY BAKERY

Nova

HAPPY FAMILY DAY

Ambiente renovado,
o sabor de sempre.

3635 Cawthra Rd
Mississauga, ON L5A 2Y5

(905) 279-3206

www.novabakery.ca

Língua Portuguesa

A portrait of João Tordo, a man with dark, wavy hair, a beard, and glasses. He is wearing a light-colored, textured cardigan over a dark shirt and a dark scarf. He is smiling slightly and looking towards the right. The background is a modern interior with a staircase and a glass railing. The photo is framed by a red border.

**JOÃO
TORDO**

Fontes: Wikipedia, FNAC, Wook
Fotografia @Paul Perdz

“CEM ANOS DE PERDÃO”



Sinopse

Depois de Águas Passadas, a dupla Pilar Benamor e Cícero Gusmão regressa para um novo mistério de matizes bizarros.

Na pequena e remota ilha de St. Dismas, ao largo da Inglaterra, um crime violentíssimo entre irmãos choca a comunidade, trazendo à superfície o mal-estar entre os ilhéus e os Filhos de Dismas, uma seita religiosa que perdura há séculos. A polícia local vê-se a braços com um caso que parece impossível de resolver, com a investigação travada pelo obscuro fanatismo dos crentes.

Max Loar, o homicida confesso, acaba na prisão de Brixton, enquanto ondas de choque repercutem na imprensa do Reino Unido perante

a brutalidade do crime. É na cadeia que conhece Cícero, que está preso por homicídio. Apesar dos esforços de Cícero para compreender o rapaz, as coisas acabam mal. Pouco depois, recebe a visita de Pilar Benamor, a jovem ex-subcomissária da PSP que, desde a violenta resolução do caso Drexler em Águas Passadas, desapareceu do mundo. No reencontro com o velho amigo, Pilar recebe a resposta aos seus sonhos premonitórios e não resiste a mergulhar de cabeça na história dos irmãos Loar.

Rumando à ilha - um lugar enigmático, pleno de forças malignas -, Pilar une forças com o sargento Noah contra o inquietante padre Prudence, que lidera os dismáticos, numa investigação aos meandros do fanatismo, do poder e das pulsões mais sombrias do ser humano.

Pão fresco e pastelaria diariamente
Bolos personalizados para todas as ocasiões

Feliz Dia da Família

2189 Dufferin St, York, ON M6E 3R9 • (416) 652-8666 • www.doceminhobakery.com

PREMIADA COM O GALARDÃO DO CANADA'S BAKING AND SWEET SHOW





Créditos © Maria Barros Abreu

MARIA BARROS ABREU
M A R I A B A R R O S A B R E U
M A R I A B A R R O S A B R E U

Maria Barros Abreu é natural de Viseu, Portugal. Inicia o seu percurso académico com o Curso Artes do Fogo da Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis do Porto seguindo-se o Curso de Pintura do I.A.O. da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva e o Curso de Conservação e Restauro (CD) da Escola Superior de Artes Decorativas da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva.

Leccionou as disciplinas de Design e Técnicas de Pintura em Cursos de Recuperação e Restauro do Património, na área do Artesanato promovidos pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional de Viseu entre os anos de 1990 e 1996. É professora e formadora em atelier próprio.



Pintura "O Circo" – Maria Barros Abreu
Créditos © Maria Barros Abreu

No passado mês de outubro foi distinguida com a Medalha de Bronze – Academie Arts Science e Lettres de Paris pelo conjunto da sua obra. Qual o significado que atribui a esta distinção internacional?

As distinções, enquanto reconhecimento público e institucional, são sempre uma mais valia, tanto para quem as recebe, como para quem as atribui. É um sinal claro, que as pessoas não ficam indiferentes perante as minhas obras, que há pessoas que seguem o meu trabalho e a minha evolução. Ter noção que, de alguma forma, contribuí para o crescimento da cultura, faz, com que me sinta realizada pessoalmente. Foi com orgulho que recebi esta distinção.

Em que altura da sua vida percebeu que o seu caminho era a pintura?

Desde muito pequena, que me lembro de recorrer ao desenho e à pintura para expressar a minha criatividade. Tenho numa memória muito presente, de com quatro, cinco anos desenhar com carvão no chão das varandas de casa dos meus avós maternos. Era a minha diversão maior, como se pode imaginar, não seria muito limpa...

Teve algum apoio especial na sua escolha?

No meu caso, existe um contexto familiar que sempre valorizou as questões relacionadas com as artes. Sempre houve incentivos por parte dos meus pais. Era prática corrente viajar e visitar museus, monumentos e exposições. Da família do lado materno, sempre houve uma valorização dos talentos naturais. Tenho que fazer referência ao meu tio, José Barros, com quem desde a infância tive um relacionamento muito especial e muita cumplicidade. Era autodidata, com capacidades extraordinárias para as artes plásticas, nomeadamente na pintura e escultura. Foi sempre o meu grande apoio.

Como acontece com o impulso de escrever, compor, representar e esculpir... pintar, passa a ser uma necessidade, ou surge como um meio de autoexpressão pessoal e social?

Bem...eu diria que a pintura tem de ser uma expressão absolutamente pessoal de ver e sentir o mundo e as pessoas. É evidente que tudo isto resulta das minhas vivências e pintar torna-se vital, uma premência, que passa por esse tal meio de autoexpressão que logicamente, muda e ganha forma e cor perante os cenários que me são apresentados no dia a dia. O pensamento crítico é a verdadeira necessidade e está sempre presente nas minhas obras, associado a uma liberdade de ação sem imposição de espécie alguma.

A cidade como inspiração, poderia ser um bom mote para apreciar as suas obras de arte?

Sim! Vou arriscar dizer que a cidade é hoje a mais promissora e a mais decadente construção coletiva. É o símbolo da organização que a Humanidade impôs ao Planeta. A diversidade, tanto visual como emocional, que nos transmite é de tal modo imensa, que tem um peso enorme na minha criatividade. Há sempre mais e mais para explorar...

Quais os elementos imprescindíveis numa cidade para que seja retratada na sua obra?

Isso decorre daquilo que dizia anteriormente... a cidade como referência de construção material e imaterial da vida comum. E depois há a leitura da cidade partindo como autorreferência, a vivência individual da cidade. Essa análise emocional e crítica é o pilar para a construção desse retrato de que fala.

Na sua pintura as cidades ocupam um lugar central. Dos seguintes aspetos, quais destacaria pela importância que lhes atribui: a paleta de cores, as fachadas dos edifícios, a diversidade das pessoas, os jogos de luzes, as suas vivências e memórias.

As cidades são compostas por todos esses aspetos. Uns concretos, por vezes crus, visualmente poluídos, ou então, as cidades também são, de forma muito onírica, o sonho, a criatividade e a esperança. Quando recorro à diversidade da paleta de cores e ao jogo de luz, tenho como objetivo expressar estados emocionais, que tanto podem ser serenos ou violentos, conforme aquilo que me é transmitido.

A pintora Vieira da Silva costumava pintar as cidades em tons neutros. Na sua pintura prefere uma certa policromia. O que significa essa extravagância policromática?

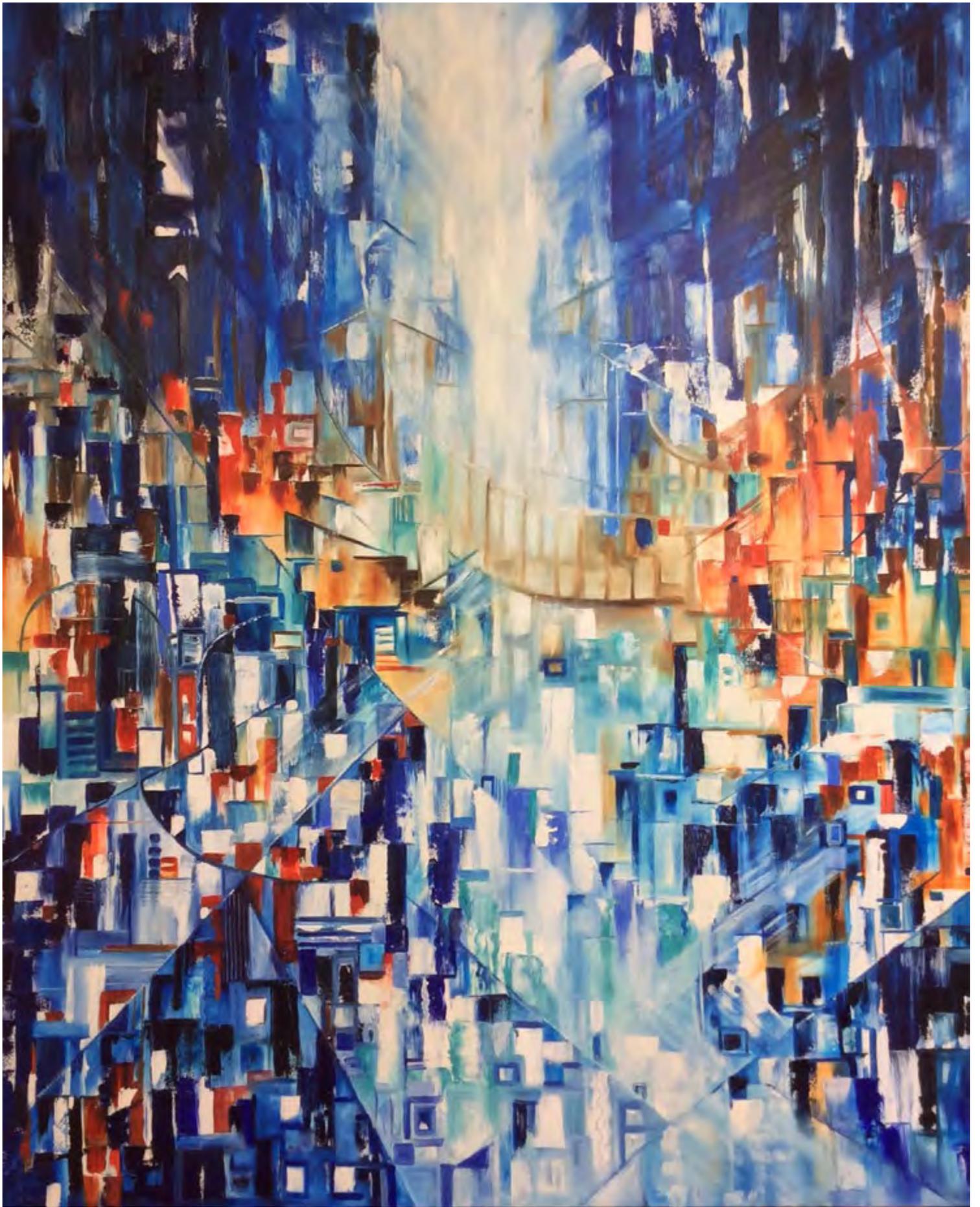
Apenas a minha sensibilidade e criatividade. A cor é uma das formas que, até agora, melhor realiza a minha visão das cidades, dos espaços (pelo aspeto positivo e negativo).

O que mais a atrai nas cidades, o visível ou o invisível? O perene ou o efémero?

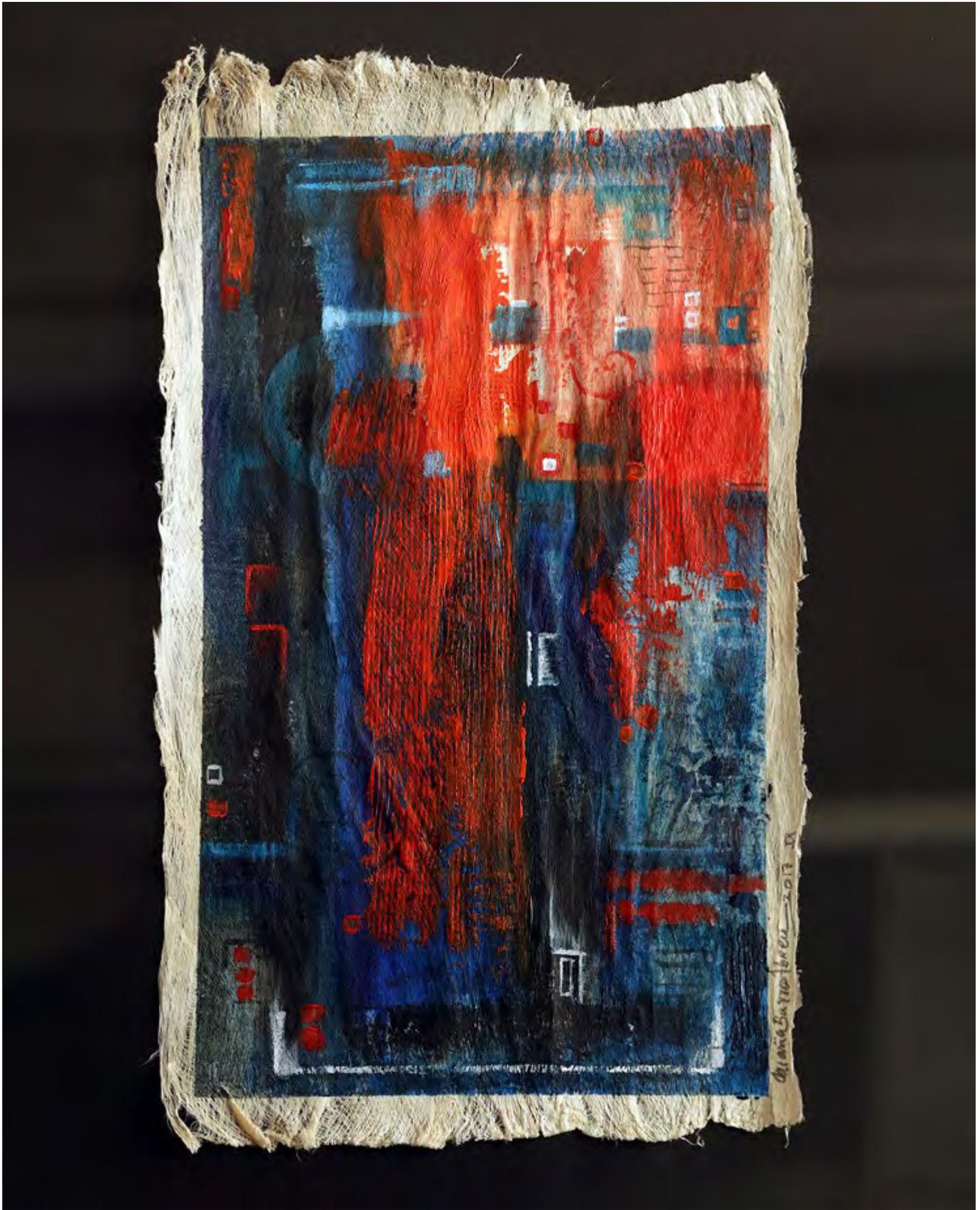
Isso são conceitos muito flexíveis que gosto de ver refletidos nas minhas obras. Não se anulam e a sua coexistência permite-me criar o concreto e o imaginário.



Performance “Sombra dos sons na luz” na inauguração da exposição “cidades inVisíveis”
Créditos © Maria Barros Abreu



Pintura “Felizmente há Luar”
Créditos © Maria Barros Abreu



Pintura “Variações sobre um lugar”

Créditos © Maria Barros Abreu

Em que medida a obra de Ítalo Calvino a inspirou para pintar o conjunto de obras intituladas Cidades Invisíveis?

Foi a primeira fonte de inspiração para essa temática. Todo aquele simbolismo, o rigor do trabalho literário com tantas figuras. As metáforas sobre todo o tipo de relações humanas, sobre o tempo, o poder... enfim tudo o que caracteriza uma grande obra, que suscita inquietação e uma multiplicidade de interpretações, nunca completas nem definitivas.

Nas cidades invisíveis podemos também encontrar uma espécie de inferno de Dante ou um “caos impiedosamente ordenado”?

De um certo ângulo... se falarmos de um caos criador onde sem preconceitos podemos pôr tudo em causa, a começar por nós próprios...

A pintora Graça Morais afirmou numa entrevista em março de 2017 que “A pintura não pode ficar indiferente às situações dramáticas. A grande arte não é decorativa”. Concorda com esta afirmação?

A arte, e se quiser a pintura em particular tem um carácter reformador e crítico. Reformador, porque ajuda à tomada de consciência que por sua vez leva ao espírito crítico que impele à ação. Não pode ficar indiferente a nenhuma situação. A grande arte não existe para se manter inerte. Tem uma função, que é transmitir algo, que é mexer com os conceitos e anular os preconceitos.

Ultimamente algumas obras de arte icónicas expostas nos museus europeus têm sofrido atos de vandalismo por parte dos ativistas pelo clima. Como artista plástica, como vê esses atos extremistas?

São atos extremos que em nada se relacionam com a arte. É um atentado a todos os níveis! Porque a arte por si só, como atrás referi, mexe com as pessoas, abana com os conceitos e preconceitos. A arte normalmente alerta, expõe, as falhas do sistema. Por isso destruir está fora de causa! Só funciona como marketing e pela negativa.

Considera que existem obras de arte perfeitas?

Não! A procura de mais e mais, a insatisfação constante, por parte de quem cria, só vem confirmar que a perfeição não existe. Afirmar que uma obra de arte é perfeita é limitativo. A procura da perfeição, leva-nos a querer e a crer que há sempre algo, que ainda não atingimos. Que não é um fim em si, mas sim um meio para transcender o espaço e o tempo da criação.

Carlos Cruchinho

Licenciado no ensino
da História e Ciências Sociais



ENJOY THE
SWEETIE TREATS
FROM SWEETIE PIE

SCAN HERE
TO ORDER

www.mysweetiepie.ca | /mysweetiepieca

1-888-843-4721

info@vieirainsurance.com

Toronto | Bradford

vieirainsurance.com

**PROTECTING YOUR FUTURE
FOR OVER 45 YEARS**



PATRICK VIEIRA
CEO
patrickv@vieirainsurance.com

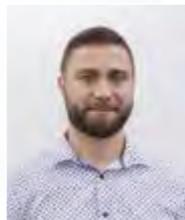


JOSEPH VIEIRA
PRESIDENT & CHAIRMAN
josephv@vieirainsurance.com

PERSONAL INSURANCE SALES TEAM



NELSON PINTO
ACCOUNT EXECUTIVE
nelsonp@vieirainsurance.com



BRYCE LAWSON
ACCOUNT EXECUTIVE
brycel@vieirainsurance.com

HOME • TENANT • COTTAGE
AUTO • CLASSIC CAR
ATV • MOTORCYCLE

COMMERCIAL INSURANCE SALES TEAM



MARLAENA F. SILVA
VP COMMERCIAL LINES
marlaenas@vieirainsurance.com



NANCY DORLING
ACCOUNT EXECUTIVE
ndorling@vieirainsurance.com

CONSTRUCTION • HOSPITALITY
MANUFACTURING • REAL ESTATE
COMMERCIAL AUTO • FLEET
PROFESSIONAL LIABILITY • BONDS
COMMERCIAL GENERAL LIABILITY





HAPPY FAMILY DAY



From the DALI Local 675 Family!



SAFE, WELCOMING AND INCLUSIVE
TO EVERYONE.

222 Rowntree Dairy Road, Woodbridge, ON L4L 9T2

T: 905-652-4140 | www.local675.ca



@Local675InteriorSystemsDALI



@Local675InteriorSystems



@Local675DALI

DANIEL SILVA





O português que faz a Amazon funcionar

Daniel Mendes da Silva

Localização: Luxemburgo

Profissão: diretor de compras global da Amazon

Idade: 41 anos

Daniel Silva viveu em seis países, conduzido pela vontade de aventura que o levou além fronteiras. Hoje sente-se realizado e tem uma família “internacional”.

“Servir de interface entre os fornecedores e a empresa.” É desta forma que Daniel Mendes da Silva, 41 anos, natural da Maia e a viver atualmente no Luxemburgo, resume o seu trabalho. “É uma área ainda pouco conhecida e difícil de descrever.” O diretor de compras global da Amazon explica que o objetivo é garantir que todas as necessidades da logística do negócio estão garantidas. Trata-se da área de “procurement” de uma empresa (a expressão é maioritariamente utilizada em inglês e significa “aprovisionamento” numa tradução direta para a língua portuguesa). Um exemplo: se a Amazon vai abrir um novo armazém, Daniel e equipa que gere trabalham no que é necessário para o embalamento, para o transporte dos bens, entre outros. Recentemente, grande parte da responsabilidade passa também por garantir selos de qualidade e sustentabilidade.

Créditos: Direitos Reservados



Mas como é que se chega a um cargo tão alto numa empresa multinacional conhecida de todos? Recuemos aos anos da academia. Depois de uma troca de curso e já em Engenharia e Gestão Industrial, Daniel Mendes da Silva decidiu fazer Erasmus em Liubliana, Eslovénia (aqui se poderia perceber o seu carácter aventureiro, já que foi o primeiro da Universidade do Minho a criar um protocolo entre a instituição de Ensino Superior e aquela capital europeia). Ainda teve uma breve passagem profissional em território nacional, na Sonae MC, mas rapidamente abriu horizontes e não mais se fixou em Portugal. Passou por Espanha, Estados Unidos da América e República Checa.

Pensar o futuro

Chegou ao Luxemburgo e à Amazon em 2017, já com experiência na área de “procurement”. “Quando saí do curso não sabia nada sobre este ramo no qual trabalho agora, foi um conjunto de oportunidades e de vontade de arriscar que me levaram aqui. E gostei.” O posto que ocupa atualmente obriga-o a viajar de forma regular – podia ser um país diferente por semana, mas tenta fazê-lo apenas mensalmente. “Estou em overdose de viagens, (risos) houve um ano que cheguei a fazer 83 voos só em trabalho.”

Ter uma “família internacional”, como lhe chama, também o obriga a ter uma “ginástica geográfica”. Foi no último país onde assentou antes de chegar a Luxemburgo, República Checa, que conheceu a esposa com quem tem duas filhas. “A mais velha, com cinco anos, fala fluentemente três línguas – português, inglês e checo – e na pré-escola ainda aprendeu mais duas.”

Com um mercado pouco competitivo, o regresso a Portugal, ainda que deseje estar perto da família e amigos, é apenas, para já, uma hipótese entre outras. “A pandemia fez-me entrar num período de reflexão e estou a ponderar qual o melhor equilíbrio entre bem-estar emocional, qualidade de vida para as minhas filhas e crescimento da carreira.”

Quer seja na Amazon ou numa outra empresa (ou até num negócio próprio, arrisca), Daniel Mendes da Silva tem a certeza que a paixão e o conhecimento pela área do “procurement” serão para ficar. “Um dos planos a longo prazo poderá ser ajudar outras empresas, até portuguesas, a desenvolver esta área dos negócios.”

Sara Sofia Gonçalves

NM

Declarações fiscais e resolução de problemas com o fisco

Contabilidade comercial

Revisão de contas

Consultoria de gestão

Sergio Ruivo
& ASSOCIATES

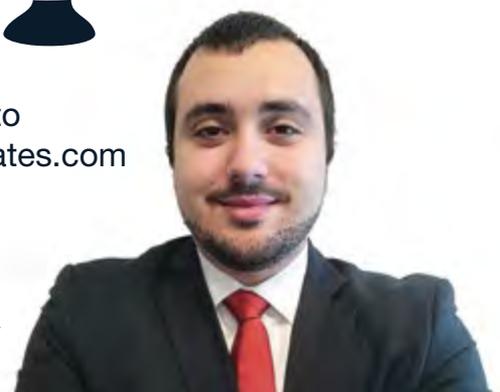
Contabilistas Licenciados



22 Sousa Mendes Street Toronto
416 977-6911 | sergioruivoandassociates.com



Sergio Ruivo
CPA, CA, LPA



Paulo Pereira
B.Com, MSC,
ACCA (candidate)

NOVO ANO, NOVO ESCALÕES





Tanto se falou em 2022 dos efeitos negativos da inflação. E com mérito, a inflação descontrolada tem efeitos negativos para a sociedade. Mas existem também algumas vantagens da inflação quando falamos dos impostos e planeamento financeiro. Ano após ano vários benefícios, direitos e descontos no nosso sistema fiscal são indexados a inflação. Alguns são bem conhecidos, outros menos. O Canada Revenue Agency (CRA) registou um aumento de 6.3% para 2023 relativo a 2.4% em 2022 e 1.0% em 2021. Aqui fica um pequeno sumário das alterações que se vão ver em 2023 devido à inflação e outras medidas:

- Limites de contribuição dos TFSA passam de \$6,000 em 2022 para \$6,500 em 2023 com \$88,000 a ser o valor máximo de contribuição desde 2009.
- Os escalões de imposto federal aumentaram todos 6.3%. O que quer dizer que o primeiro escalão aonde se pagar 15% de impostos federal em \$50,197 em 2022, passou para \$53,359. Esse aumento de \$3,162, pouparia a quem ganhasse \$53,359 em 2022 e o total de \$174 em 2023. Os escalões de imposto provincial também aumentaram.
- Dos vários créditos a que temos o direito de reclamar nas nossas declarações fiscais, como o Basic Personal Amount (acessível a todos) aumentou \$602 o que nos dá uma poupança de \$90.
- Para os reformados, a recuperação da pensão da velhice só começará a partir de \$86,912 em 2023 comparado aos \$81,761 em 2022.
- Para os trabalhadores, infelizmente vai haver mais descontos a pagar em 2023. Não vamos ser só atingidos pelo aumento do valor sujeito ao Canada Pension Plan (CPP) e Employment Insurance (EI), mas também um aumento na percentagem de desconto tanto no CPP como no EI. Em relação ao EI, vai descontar 1.63% até aos \$61,500 comparado aos 1.58% nos primeiros \$60,300 em 2022, o que significa mais \$49.71 em descontos. No caso do CPP - vai descontar 5.95% para o CPP até aos \$66,600 em 2023 comparado aos descontos de 5.7% nos primeiros \$64,900 em 2022, o que significa mais \$254.65 em descontos de CPP. Haverá alterações mais significativas em 2024 e 2025 para o CPP, em linha com o projeto CPP Enhancement.
- Para empresários, o limite da isenção a mais valias na venda de ações de pequenas empresas qualificadas aumentou de \$913,630 em 2022 para \$971,190. O que significa \$28,780 a menos serão taxados aos empresários que vendam as suas empresas durante a sua vida.

Se tiver alguma dúvida sobre estes temas, poderá entrar em contacto com o nosso escritório.

Sérgio Ruivo
CPA, CA, LPA



THE QUEEN'S
PLATINUM JUBILEE
LE JUBILÉ DE PLATINE
DE LA REINE

2022 marks the 70th anniversary of her Majesty's accession to the Throne. She is Canada's longest reigning Sovereign and the first to celebrate a platinum jubilee.

The emblem of the Platinum Jubilee, created for this occasion by the Canadian Heraldic Authority, features the Royal Crown and the Royal Cypher (EIIIR) as personal symbols representing the Queen. With its seven-sided shape, seven maple leaves and seven pearls, it marks seven decades of service to Canada and embodies the idea celebration.

Received by Teixeira Accounting Firm,
November 2022



“ If you go across the riding you will see an unbelievable diversity of small businesses anchored in coffee shops and restaurants and pop-ups that come and go, are the professional services that serve the local community, they are a part of the life lines of our community and almost all of them are started by hard working immigrants to our Country.

This Davenport business award winner is the son of two Portuguese immigrants from São Miguel, the largest of nine islands of Azores. The father of our winner opened his accounting practice in the Davenport Riding in the 1970s serving the large and growing Portuguese immigrant community. Our winner pursued his Bachelor of Business Degree in the York University and took over his father's business growing the operations to twelve full time and two part time employees, and he also grew into the largest accounting office in any Portuguese community in Canada.

Next year the firm will celebrate 50 years of operations serving the Davenport community and the broader Toronto Community.

This hardworking small business is not just about providing much needed services to the community and creating jobs, it also has made mentoring youth and providing internships a priority, and it serves as model for other small businesses as they provide scholarships to students through the F.P.C.B.P. They have raised hundreds of thousands of dollars for the friends of the Covenant House. They support local futebol teams and local Portuguese Casas. They are also significant donors to an affordable housing project and long-term care facility that it has been proposed for the Davenport Riding. They also provide reduced cost income tax returns and advice to low-income seniors.

These are just some of the many things that this amazing business has done through the years.

They are a model and I believe many of the small business across of this riding will see that as an inspiration.

I would like to invite Carlos Teixeira from Teixeira Accounting Firm to accept the Davenport Business Award.”

Julie Dzerowicz, awarding Teixeira Accounting Firm, November 2022



HelpingBusinesses.com

1015 Bloor Street West (Bloor & Dovercourt) | 416.535.8846

THE CARPENTERS' UNION LOCAL 27 TAKES **PRIDE** IN OUR **MEMBERS!**



CARPENTERS
& ALLIED WORKERS
LOCAL 27



SAFE, WELCOMING AND INCLUSIVE TO EVERYONE.

222 Rowntree Dairy Road, Woodbridge, ON L4L 9T2

T: 905-652-4140 | www.ubc27.ca

   @carpenters27

“DRESSES CODE”

Em ambiente de trabalho
para homem jovem





REAPRENDER A VESTIR

E stá à vista de todos, o quanto a Era pós-Covid pôs a nu o desleixo de toda uma sociedade. Muitos jovens formaram-se sem a habilidade de se saberem apresentar em público, desfilando na rua em roupa de cama ou de trazer por casa. Como consequência de terem de estudar e trabalhar descontraídos a partir de casa, acabaram por perder a noção de diferenciar o estilo relaxado, do apresentável. Acabaram por concluir os estudos via online e saltaram imediatamente para o primeiro emprego. É por isso urgente reaprender os códigos de vestuário no local de trabalho. É a eles, em especial aos jovens do sexo masculino, que dedico o artigo de fevereiro. Se acabou se "aterrar" no seu primeiro emprego, num escritório, de ambiente jovem e semi-descontraído... Parabéns! Estas dicas são para si!



Maria João Rafael
Consultora de Imagem



Casacos

Dois sobretudos; um azul escuro e outro camel. Se tiver de escolher apenas um, opte por um "pea-coat"; estilo "marinheiro", que o cubra até meio da perna. Dica de Ouro: ostentar a etiqueta cosida na manga do sobretudo, não é "cool". A etiqueta em tecido é para retirar! Assim como a abertura traseira do sobretudo, deve de ser cortado o ponto de união das abas. Um blusão de penas, escuro, e com bom design, também é o suficiente, para começar.



Blaser

Todos os homens devem ter pelo menos um, e que seja de bom corte. Se tiver de escolher apenas um, que seja azul escuro, "all weather". Hoje em dia, há interessantes versões blaser-blusão, que sem perder a formalidade, são modernos e joviais.



Acessórios

Atenção ao pormenor das meias! Usar meias com a cara do Bart Simpson ou com desenhos de abacates em meio profissional, está fora de questão. As meias devem ser da cor das calças, para auferir elegância e altura. Devem ser compridas, até ao joelho, para que não se mostre pele quando se cruza a perna. Quanto ao calçado, deve ser conjugado com a cor das calças que se veste. Por exemplo, as pretas, cinza ou azuis escuras ficam melhor com calçado escuro; as camel, verdes ou em tons claros ficam melhor com calçado castanho. Nos homens, a cor dos sapatos deve ser coordenada na mesma cor e tom dos cintos. O ideal, é comprar um único cinto reversível, que seja de um lado preto e do outro castanho escuro. Gorros, cachecóis e óculos escuros são mais que suficientes para acessórios de um homem jovem, em início de carreira. Contudo, os relógios marcam um estatuto. Sim! E não estou a referir-me ao Smart Watch! Se tiver de apostar num relógio, eis alguns marcas com preço e qualidade: Fossil; Citizen; Seiko; Longines; Invicta; Tissot; Victorinox. Os vintage são a melhor escolha.



Vestir em camadas

Em dias de frio extremo, vestir-nos às camadas, é importante, porque temos a possibilidade de tirar uma ou outra peça de roupa durante o dia, conforme vamos aquecendo. A sugestão abaixo é um bom exemplo de como vestir em camadas pode ser criativo e divertido!



Love
is on the
menu



289-917-0198 | STATEANDMAIN.CA
3584 MAJOR MACKENZIE DRIVE WEST, VAUGHAN

Amorim Hospitality Group

Fevereiro

Horóscopo

O horóscopo para fevereiro de 2023 será algo mais calmo. O início do novo ano torna-se um tema obsoleto. Então será capaz de, mais uma vez, se concentrar nos seus objetivos. O trabalho árduo vai recompensar. Dessa forma, poderá pelo menos desviar a sua atenção de pensamentos sombrios.

Fevereiro é muitas vezes um mês de desilusão, quando os indivíduos descobrem que as resoluções que definiram no mês anterior não são fáceis de manter. Você pode ter de lidar com a desmotivação até mesmo com repugnância. Tente, no entanto, distanciar-se desses sentimentos negativos!

Planetas

em Fevereiro de 2023

O Sol em Aquário

Não vai ter problemas em ajustar-se ao ambiente à sua volta, porque será elástico e adaptável. Não obstante, manterá a sua própria opinião e as suas avançadas capacidades intelectuais. Poderá sentir mudanças abruptas de humor. Durante algum tempo o seu estado de espírito será sério, mas depois será sociável e alegre. Enfim, não estará preocupado com o que as outras pessoas pensam sobre si e vai seguir o seu próprio caminho.

Vénus em Peixes

Durante este período, o apoio das pessoas à sua volta será muito agradável. A sua mente está aberta, por isso é muito fácil comunicar consigo. Por outro lado, não será capaz de tomar decisões objetivas e, portanto, pode ser facilmente influenciado. Em casos extremos, pode até mesmo confiar numa pessoa que vai traí-lo mais tarde.

Mercúrio em Capricórnio

Neste período, você anseia por ser respeitado para que não se sinta perturbado se alguém pensar que é um tolo. Por isso, ficará em silêncio e em espera. Graças a esta posição, o pensamento conservador pode aparecer, especialmente quando se trata de relacionamentos e humor seco.

Marte em Gêmeos

Durante este período, vai gostar de se educar, por exemplo, através da leitura. Geralmente espera por nova informação que possa utilizar mais tarde. Os seus argumentos serão muito fortes e com eles será capaz de se livrar de qualquer coisa. No entanto, a sua personalidade pode ficar um pouco desequilibrada e instável, como se houvesse um conflito pessoal dentro de si. Quando estiver stressado, usará o sarcasmo como um mecanismo de defesa.



AQUÁRIO

Aproveite para iniciar um novo projeto, para tomar algumas iniciativas ou para se dedicar mais à atividade física, principalmente se nos últimos tempos tem descurado essa matéria. Altura propícia para dar seguimento a assuntos já iniciados, aos quais poderá, agora, dedicar-se mais a fundo. As probabilidades de sucesso são agora maiores.



CAPRICÓRNIO

A sua situação financeira e os bens materiais estão em primeiro plano. O que empreender neste período vai correr-lhe bem devido a estar seguro de si mesmo e criativo. Deve aproveitar este momento para planejar com cuidado a forma de melhorar e de desenvolver no futuro as suas possibilidades económicas



SAGITÁRIO

Neste trânsito o discernimento, clareza de ideias e comunicação em geral estão favorecidas. Qualquer situação que lhe parecia menos clara poderá agora ser visionada sobre um ângulo mais realista e palpável. Terá uma maior capacidade para expor os assuntos que serão mais bem aceites, identificados e seguidos por terceiros.



ESCORPIÃO

Está numa fase em que sente necessidade de proteger os outros ou de ser protegido por eles. Vai sentir vontade de se dedicar mais à sua vida familiar, íntima, e ao seu lar. Está mais sensível neste momento. Situações não resolvidas da sua vida passada podem surgir agora para serem analisadas e solucionadas.



BALANÇA

Virão à sua memória recordações agradáveis da infância. Vai sentir vontade de conviver com as crianças e talvez mesmo juntar-se aos seus jogos. Poderá fazer-se notar e ser apreciado pelos outros pela forma agradável como se relaciona, pela sua generosidade e simpatia. Poderá iniciar nesta altura uma relação amorosa.



VIRGEM

Algum exercício, passeios ao ar livre, uma higiene física e mental poderão contribuir para que se sinta bem. Se tem problemas com o seu trabalho, aproveite para refletir se está a usar da melhor forma as suas capacidades e, se achar que é caso disso, não hesite em pedir ajuda profissional – um médico, um psicólogo ou mesmo um astrólogo poderão dar-lhe o apoio necessário.



LEÃO

A passagem do Sol pela Casa VII poderá trazer-lhe algum problema. Depois de o resolver vai ver que pelo menos aprendeu a conhecer-se melhor, descobriu os seus limites e sobretudo adquiriu um conhecimento daqueles que estão a seu lado. Neste momento também poderá ter de tratar de assuntos diretamente ligados com a lei.



CARANGUEJO

Período propício ao recolhimento e introspeção. A compreensão lógica e racional das coisas não lhe basta, existe uma necessidade de sentir a vida com todas as suas emoções e a um nível mais profundo. Época de preocupações financeiras. Sociedades e negócios conjuntos poderão ocorrer tentando obter apoio monetário dos outros.



GÊMEOS

Esta é uma época em que se sentirá estimulado intelectualmente. Contacte com a maior diversidade de pessoas possível. Tire o máximo partido da vida, aproveitando não só o lado recreativo como também o cultural. Se tiver familiares no estrangeiro, visite-os. Este é um período de abertura ao mundo, parta à aventura.



TOURO

A Casa X é a Casa da carreira, logo, este é um bom momento para mostrar as suas capacidades profissionais. Todas as suas relações com o exterior estarão favorecidas e vai ter um papel importante na sociedade. Este é um período em que vão reparar mais em si e dar-lhe mais credibilidade. Aproveite esta semana para analisar a sua vida e saber qual o melhor caminho a seguir.



CARNEIRO

No decorrer desta fase, chegará à conclusão de que é mais proveitoso e útil consultar os seus amigos ou colaboradores, nas decisões que tiver de tomar. Caso não possa estar pessoalmente com eles, comunique através da Internet ou outro meio de comunicação e ouça com atenção as suas ideias e os seus argumentos.



PEIXES

Está a passar por um período de introspeção, sentindo tendência para se isolar, procurando o seu auto-conhecimento. Os seus sentimentos, sensações, intuições e percepções estarão também mais aguçados, sendo capaz de rapidamente se aperceber daquilo que normalmente levaria algum tempo a racionalizar e compreender.

Chilli

com carne

Culinária

Uns dizem que nasceu no México, outros afirmam que é de origem no Texas. O que é certo é que o chilli com carne é um prato delicioso e muito popular. E com esta receita, vai ver como é fácil de fazer!

SERVE 6 PESSOAS

TEMPO DE PREPARAÇÃO: 45 MINUTOS

DIFICULDADE: FÁCIL

INGREDIENTES

- 500 g de carne picada de novilho angus
- 1 c. de sopa de azeite
- 1 unid. (100 g) de cebola picada
- 1 unid. de pimento vermelho em cubos
- 2 dentes de alho picado
- 1 emb. de chilli em pó
- 1 c. de chá de paprica
- 1 c. de chá de sal
- 300 g de tomate em cubos de lata
- ½ cháv. (120 ml) de caldo de legumes
- 400 g de feijão encarnado cozido
- 1 unid. de abacate
- 1 emb. (150 g) de nachos
- 2 c. de sopa de coentros picados

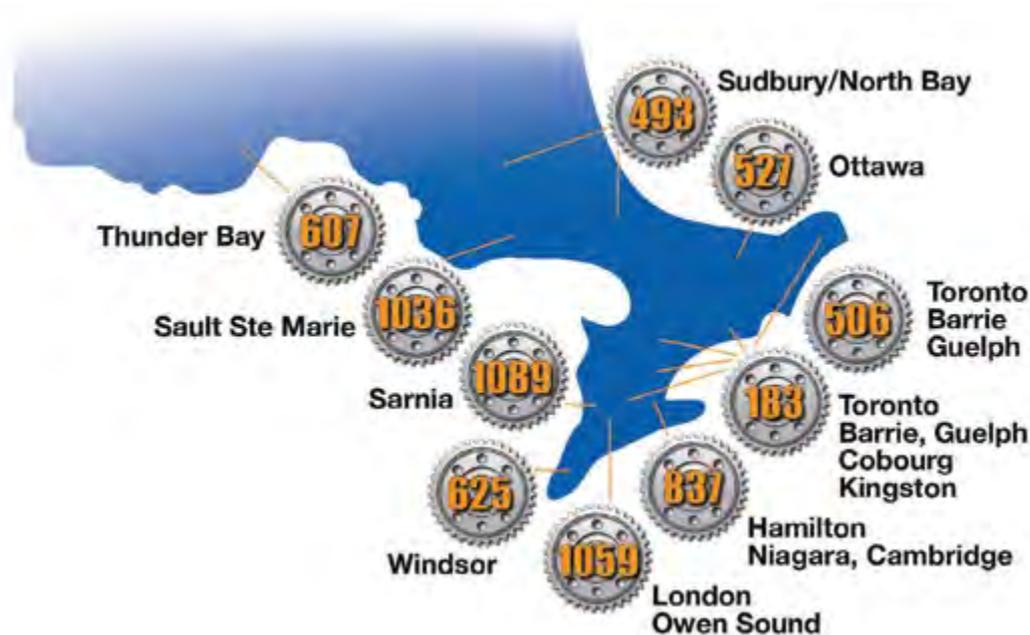
PREPARAÇÃO

1. Numa panela média coloque o azeite, a cebola e o pimento vermelho. Refogue cerca de 5 minutos.
2. Junte a carne e o alho. Aloure bem. Tempere com o chilli, a paprica e o sal. Envolve tudo muito bem.
3. Junte o tomate, o caldo de legumes e o feijão bem escorrido. Baixe o lume e deixe apurar, mexendo de vez em quando, cerca de 25 minutos.
4. Sirva com o abacate fatiado, os nachos e os coentros a gosto.

Bom apetite!



HAPPY FAMILY DAY



**"Mão de obra altamente qualificada, bem treinada.
Simplesmente o melhor, desde 1903"**

Quando uma comunidade se constrói do chão para cima, não existe mão de obra no planeta que seja mais qualificada para completar o trabalho eficazmente à primeira. Os membros da LiUNA e aposentados fizeram um compromisso com as suas carreiras, o que significa um compromisso com a comunidade. Um compromisso para construir as MELHORES escolas, aeroportos, hospitais, escritórios, túneis, usinas de energia, estradas, pontes, edifícios baixos e edifícios altos do país. Quando o trabalho está completo, os membros da LiUNA e aposentados continuam a viver, a jogar e a crescer nas suas comunidades, com a garantia de que a pensão é também... simplesmente a MELHOR!

Jack Oliveira
Business Manager

Joseph S. Mancinelli
President

Luigi Carrozzi
Secretary-Treasurer

Carmen Principato
Vice President

Robert Petroni
Recording Secretary

Brandon MacKinnon
Executive Board Member

Terry Varga
Executive Board Member

LIUNA! LOCAL 183

TORONTO - BARRIE - COBOURG - GUELPH CAMBRIDGE - KINGSTON

FELIZ DIA DA FAMILIA



Jack Oliveira
Business Manager

Luis Camara
Secretary Treasurer

Nelson Melo
President

Bernardino Ferreira
Vice-President

Marcello Di Giovanni
Recording Secretary

Jaime Cortez
E-Board Member

Pat Sheridan
E-Board Member

LIUNA! LOCAL 183



Jack Oliveira
Business Manager

Nelson Melo
President

Bernardino Ferreira
Vice-President

Luis Camara
Secretary Treasurer

Marcello Di Giovanni
Recording Secretary

Jaime Cortez
E-Board Member

Pat Sheridan
E-Board Member

Feel the Power

Head Office

1263 Wilson Avenue, Toronto ON M3M 3G3
416 241 1183 ph • 416 241 9845 fx • 1 877 834 1183 toll free

Eastern Office

560 Dodge Street, Cobourg ON K9A 4K5
905 372 1183 ph • 905 372 7488 fx • 1 866 261 1183 toll free

Northern Office

64 Saunders Road, Barrie ON L4N 9A8
705 735 9890 ph • 705 735 3479 fx • 1 888 378 1183 toll free

Kingston Office

145 Dalton Ave., Unit 1, Kingston ON K7K 6C2
613 542 5950 ph • 613 542 2781 fx • 1 844 542 2781 toll free

Guelph Cambridge

510 MacMillan Dr., Cambridge ON N1R 6R5
226 806 5496 ph • 226 766 8319 fx • 1 866 411 2999 toll free



www.liuna183.ca

